

Érika Bruna Agripino-Ramos

**No rastro de Hilton,
esbarrei na minha existência:**

**Diário de uma jornalista
em sua primeira grande reportagem**

João Pessoa-PB

Julho/2017

*“Aprendi que o repórter não é, se torna.
E se torna ao ousar atravessar primeiro
a larga e sempre arriscada rua de si mesmo”.*

*(Eliane Brum, prefácio de O Olho da Rua:
Uma repórter em busca da literatura da vida real)*

*“Eis o que pensei: para que o mais banal
dos acontecimentos se torne uma aventura,
é preciso e basta que nos ponhamos a narrá-lo”.*

(Jean-Paul Sartre, A Náusea)

Agradecimentos

Ao meu “daqui a pouquíssimos dias” esposo, Vitor Daniel Teixeira, por tudo. Nos últimos oito anos, o seu amor e a sua amizade têm sido o meu pilar mais seguro – incluindo o suporte nos dramas dessa novela chamada mestrado. Por todas as conversas, orientações, sugestões e pelo cuidado comigo, você merece o posto de coautor deste trabalho, porque muito do que hoje penso e sou e que está refletido aqui tem a sua (boa) influência direta e cotidiana. Devo-lhe também pelas referências culturais e pelas pequenas broncas, principalmente nessa reta final, para me ajudar a deslanchar a inspiração – ou forçar a transpiração. Obrigada por ser o meu melhor amigo e o melhor presente que eu já recebi desta vida.

À minha mãe, Bernadeth, pela bondade, pela força, pelo amor e pela dedicação plena a mim e aos meus irmãos. Obrigada por ser a primeira e a minha melhor amiga, que me conduziu até aqui e com quem eu sei que sempre poderei contar.

Ao meu pai, Edinaldo (*in memoriam*), porque sei que, onde ele estiver, continua zelando por nós.

A toda a minha família, por ser um porto (às vezes, de águas agitadas, mas sempre um porto).

Aos meus amigos, por acatarem a desculpa das atividades do mestrado quando não podíamos nos divertir. Em especial, ao meu querido *muchacho* Allysson Viana, pela leitura do material antes da submissão e pelos conselhos sobre como tratar alguns assuntos.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), especialmente à trupe feminina, pela colaboração acadêmica e pelos ótimos momentos de descontração ao longo desses dois anos e meio de convivência.

Ao professor Hildeberto Barbosa Filho, pela imensa sabedoria compartilhada, pela humildade, pela paciência com esta orientanda fugidia e pela gentileza de concluir a orientação deste trabalho mesmo após sua aposentadoria dos quadros da UFPB.

Ao professor Wellington Pereira, pelas contribuições na banca de qualificação; à professora Glória Rabay, por me ajudar a aprofundar as discussões em torno das narrativas de histórias de vida e que me deram embasamento teórico para desenvolver melhor a ideia do produto jornalístico; e ao professor Thiago Soares, por me ensinar, ainda na graduação, que é possível fazer jornalismo com afeto.

Ao jornalista Hilton Gouvêa, por se dispor a conversar comigo, a participar do projeto e por ser uma referência como repórter, a quem eu passei a muito admirar.

Aos que fazem os jornais *Correio da Paraíba* e *A União*, por permitirem que eu invadisse suas rotinas e seus arquivos. Em especial, agradeço a Penha Higino, secretária da Diretoria de Jornalismo do Sistema Correio, pelo tratamento tão doce e pela ajuda que viabilizou o acesso às reportagens antigas do periódico.

A todos os que colaboraram com as entrevistas e com as informações.

A Saulo Feitosa, pela ajuda terapêutica que me impulsionou a sair do olho do furacão.

Sumário

O raio da procrastinação.....	6
Escavando fósseis.....	9
Resistência.....	13
Contato imediato de 4º grau.....	18
Contato imediato de 5º grau.....	21
“Você atrai o inusitado”	26
Linhagem familiar.....	29
O surgimento do destemido repórter.....	37
Vida nas redações.....	45
O gringo argentino no Porto de Cabedelo.....	56
Remexendo jornais – e com alergia a pó.....	60
Uma janela para a redação.....	66
Seis meses antes.....	77
O ciclo evitativo.....	80
Espera intelectual.....	85
Imprevistos.....	93
Conexões improváveis.....	95
A história de meu pai.....	100
Hesitação e recaídas.....	105
Insistência.....	108

O raio da procrastinação

*“[...] a Universidade me atestou, em pergaminho,
uma ciência que eu estava longe
de trazer arraigada no cérebro”.*

(Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas)

Eu deveria escrever. Sentar em uma cadeira, ligar o computador, transcrever anotações. Talvez tomar café, colocar uma música para acalmar o ambiente, buscar inspiração. Dizem que ela não surge do nada, sem esforço; que, na maioria das vezes, tem de ser caçada como um animal selvagem.

Como não gosto muito desse lance de caça, sento-me apenas, espero-a chegar. Durante anos, fui tentando um contato com a fera através de “métodos amigáveis” – que consistiram, basicamente, em aguardá-la distraidamente. Uma hora ela chega, mas, enquanto isso, vou assistir a um filme, terminar uma série, ler um livro, textos de internet, mexer em aplicativos, brincar com a cachorra, arrumar a casa, arquivos, armários, guarda-roupas, mudar coisas de lugar, reorganizar, conversar ao telefone, trabalhar, reclamar do trabalho, reclamar das pessoas, reclamar da vida, pesquisar aleatoriedades, comprar, comer, pagar contas,

reclamar das contas, dormir. Amanhã tem mais. Depois de amanhã, a inspiração chega.

Para completar, reza a lenda que jornalista só tem estímulo quando se vê diante de uma boca escancarada cheia de dentes¹ chamada *deadline*. Eu tenho um diploma que atesta que sou jornalista, tá aqui, ó, guardado em alguma pasta dessas que eu organizei, então vamos abusar, que esse hábito parece ser bom e atende às minhas necessidades.

A primeira vez que ouvi o termo “procrastinação”, inclusive, foi na universidade. Era meio *cool* ser assim, acumular apostilas e trabalhos durante o semestre, enquanto se aproveitava a vida fazendo qualquer coisa, principalmente nada. Obrigações? Coloca ali no fim da lista, que, quando chegar a hora, algumas noites de desespero darão conta. Deu tão certo que, concluída a graduação, adotei definitivamente tal comportamento para a vida.

O problema foi voltar a estudar e ter de lidar com um vício alimentado por tantos anos – e pelo menos três sem nenhuma responsabilidade acadêmica. Criar metodologia e cronograma para a pesquisa de mestrado? Ok, posso dar conta. Mas posso também começar a colocar em prática amanhã. Tem aula, acho melhor descansar a cabeça até lá. Aquele filme pode sair de cartaz em breve, preciso ir ao cinema. Preciso ir à farmácia, preciso comer, preciso consolar um amigo, preciso comprar um sapato, lavar roupa, ir ao médico, ler aquele texto que ficou aberto no

navegador, arrumar o quarto, resolver pendências do trabalho. Sábado e domingo, vou me dar o luxo de namorar. Semana que vem eu continuo. O ano tá só começando! Tem feriado esse mês e eu compenso na folga. Amanhã, amanhã, amanhã...

Quando dei por mim, tava aqui²: aulas obrigatórias acabando, meia dúzia de páginas de texto escritas e meses de jornais amontoados atrás da porta do quarto. O único caminho era um nome que se destacara desde a concepção do projeto de pesquisa: Hilton Gouvêa. Não o conheço, não consigo encontrar quase nenhuma informação sobre ele na internet, se ele não aceitar participar, fodeu (com o perdão do palavrão no ambiente acadêmico).

Não penso muito nisso, senão o peito aperta e começa a faltar o ar nos pulmões. Semana que vem eu dou um jeito, agora dá cá um ansiolítico. Sei que vicia, que já estou viciada, mas são trinta anos e nenhuma reportagem escrita, sequer planejada³. Praticamente nenhum contato com redações de jornais, apenas um diploma. Apenas-um-diploma-que-atesta-que-sou-jornalista. E se eu não tiver capacidade, faro de repórter, se eu só tiver nascido com talento para fazer... releases institucionais?

Mas essa história não é sobre mim. Ou é? Não sei, só sei que eu deveria escrevê-la.

Escavando fósseis

“Ah, Hilton Gouvêa? Conheço demais! [...] Era mentiroso!”, disse-me, certa vez, um jornalista que tinha na agenda do celular o número do telefone da própria esposa cadastrado como sendo do governador do Estado – ao que deduzi, para manter a fama de que é um profissional importante, requisitado e que, por isso, receberia muitas chamadas de figurões locais.

“É criativo até demais”, disse-me outro, alertando que meu alvo seria um contador de casos inexistentes, até onde entendi, em brincadeiras inocentes para incomodar alguns colegas de redação.

“É o repórter mais perspicaz que eu já conheci”; “É uma figura excêntrica, chega a ser estranho” – outros lançaram, aguçando ainda mais minha curiosidade e minha aflição em relação a como lidar com um personagem desses. Será que ele mente mesmo? Será que é brincalhão e não vai me levar a sério? Será que vai topar participar da pesquisa? Será que tudo o que ele disser eu vou ter que desconfiar mais do que o habitual? Será que eu vou ser capaz de retratar um profissional de peso e um personagem tão interessante como esse?

Comentando sobre isso no ambiente de trabalho, um colega se agarrou à primeira informação e ficou horrorizado com o meu fascínio por um jornalista supostamente mentiroso. “Inconcebível,

se esse homem for realmente o que algumas pessoas estão dizendo que ele é”, julgou ele, para logo em seguida voltar atrás, quando contei outros detalhes da trajetória de vida e profissão do meu perfilado: “Agora, até eu fiquei com vontade de ler esse seu livro e de conhecê-lo”.

Passei cerca de um ano e meio com nada mais do que uma reportagem do jornal *A União* sobre carcinocultura e o nome de Hilton Gouvêa na cabeça. Aprovada no mestrado, tive crises de ansiedade, imaginei, imaginei, imaginei e evitei cumprir minhas tarefas e levar o trabalho adiante, como descobri que tenho feito há muito tempo em várias esferas da vida.

Porém, aquele monstro de dentes pontudos vinha deslizando agora não tão calmamente em uma esteira rolante na minha direção: faltam seis meses, e, embora o meu ganha-pão não dependa desse trabalho, é com ele que posso obter outro diploma e, entre os benefícios, progredir na carreira funcional, como manda o serviço público. Você não pode deixar a oportunidade passar e desperdiçar tudo o que fez até aqui. Corra, Bruna, corra⁴!

O primeiro empecilho que surgiu na jornada foi: em quem confiar? Como eu não tinha muitas possibilidades, nem, principalmente, expertise ou cara de pau para ir direto ao meu personagem, saí perguntando aos colegas da assessoria de comunicação onde trabalho se alguém conhecia “um tal de Hilton

Gouvêa”. Não custei muito para descobrir que ele era uma figura bastante conhecida no meio jornalístico, um decano das redações.

Outro dia, passeando displicentemente com meu namorado em uma livraria de um shopping no bairro de Manaíra, passei a vista, lá no fundo, sobre uma mesa onde haviam empilhado alguns exemplares de livros sobre cultura local. No topo, havia um suporte de acrílico que destacava uma edição branca, de título em fonte vermelha, com um jovem modelo simulando que tinha rasgado o papel daquela capa para olhar surpreso em nossa direção. As letras pretas que indicavam o autor do livro, em cima da cabeça do homem, abduziram-me: “Hilton Gouvêa”.

Puxei uma cadeirinha na loja e esqueci que tinha gente ao meu redor. A essa altura, meu namorado também já tinha se esquecido do mundo e estava absorto em alguma trama fantasiosa na seção de histórias em quadrinhos, enquanto eu experimentava o delírio com aquelas coisas reais⁵ da Paraíba e, principalmente, daquele herói aventureiro que as contava. Não é à toa que os colegas de redação o apelidaram de Indiana Jones.

Na orelha do livro que é uma compilação de reportagens, descobri ali sentada que, ao longo da carreira de mais de 40 anos como jornalista, Hilton Gouvêa topou com cangaceiro, denunciou esquema de roubo de carro envolvendo autoridades locais, levou tiro na frente do prédio do jornal e quase morreu por causa disso, disfarçou-se de médico e se infiltrou em um hospital psiquiátrico

para denunciar os maus-tratos sofridos pelos internos – isso em plena Ditadura Militar! Outras situações parecem pura ficção: na década de 1990, em uma manhã de domingo, andando distraidamente com uma namorada na praia de Tambaba, levou uma topada e nem teve muito tempo de xingar a pedra no meio do caminho⁶, já que, na verdade, aquilo era a ponta da ossada de uma baleia pré-histórica, um valioso achado arqueológico que atualmente se encontra em um museu na cidade de Ingá (PB).

Se não só o talento, mas também a sorte parece ser grande aliada desse sujeito, começo a sentir que Deus – “ou isso que chamamos assim tão distraidamente de Deus”⁷ – me presenteou com uma pontinha dessa boa sina quando colocou certa matéria de Hilton Gouvêa na semana em que eu jogava o verde e tentava colher algo de jornalismo literário nos veículos impressos do estado. A minha ideia, em meados de 2014, foi acompanhar um breve intervalo das publicações locais e observar se havia matérias jornalísticas mais trabalhadas do ponto de vista da narrativa. Eu estava no processo de construção do projeto que ia submeter para a seleção do mestrado e precisava de mais embasamento para defender o desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica sobre o tema.

Eis o que encontrei: um texto que trazia com habilidade, em uma matéria sobre um assunto aparentemente corriqueiro, vários elementos típicos da construção literária. Aquilo não era uma

crônica ou uma coluna, não estava em um espaço que permitisse experimentações ou desvios do modelo “quadrado” das demais matérias que vinham sendo publicadas naquelas páginas em formato *standard*. Era um texto completamente jornalístico, uma reportagem que tinha como personagem um pescador de 49 anos que falava sobre o cultivo de lagostas em cativeiro no litoral norte do estado. O que lhe diferenciava eram as metáforas, a ausência de fontes oficiais, os detalhes aparentemente irrisórios mas bem colocados na narrativa, a grafia errada na fala do carcinocultor, simulando sua própria pronúncia.

Ao achar aquilo, eu tinha a ponta da minha própria baleia.

Resistência

*“Olha lá, quem acha que perder
é ser menor na vida
Olha lá, quem sempre quer vitória
e perde a glória de chorar”.
(Los Hermanos, *O Vencedor*)*

Clac. Clac. Clac. O anel de ouro batia no tampo de vidro em cima do birô enquanto Tião Lucena falava e gesticulava, na primeira entrevista “pra valer” que eu fiz com alguém sobre a

figura de Hilton Gouvêa. Cheguei até ele através do seu irmão, Edmilson Lucena, um colega de trabalho que me revelou que ambos fizeram parte da geração de jornalistas que atuou nas décadas de 1970 e 1980, em João Pessoa.

No início da conversa, Tião elogiou o equipamento que eu tinha sacado para registrar as falas – um mp4 velhinho que comprei mais ou menos em 2008, com o primeiro dinheiro que consegui por conta própria na fase de universitária, fruto de uma fiscalização de provas do finado Processo Seletivo Seriado da Universidade Federal da Paraíba. Todo mundo se surpreende quando conto que aquele aparelhinho cinza, que mede cerca de sete centímetros, de uma marca de eletrônicos não muito boa, continua funcionando e quebrando o meu galho até hoje.

Minha preocupação, naquele momento, era de que, por causa das batidas do anel na superfície da mesa, a qualidade da gravação ficasse comprometida e eu perdesse algumas informações. Não tenho uma boa memória, corro o risco de perguntar coisas que já foram ditas e, depois, mesmo com a repetição, ainda me esquecer. A solução é anotar tudo, mas isso também poderia me fazer perder alguns dados, por isso acho mais seguro gravar.

No início de todos os encontros marcados, sempre expliquei aos participantes que, por se tratar de uma pesquisa acadêmica, precisava da assinatura de um termo de consentimento e garanti-

que o participante não era obrigado a colaborar ou a responder tudo o que eu perguntasse. Fazia isso tanto pelos procedimentos éticos obrigatórios como também para deixar claro que não seria nenhum incômodo ou desfeita comigo se a pessoa não se sentisse confortável para falar.

Em julho de 2016, Tião Lucena atendia em um gabinete na Procuradoria-Geral do Estado, localizada na Avenida João Machado, no bairro de Jaguaribe. É um imóvel de esquina, um casarão antigo e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), o qual foi reformado e adaptado para sediar aquele órgão a partir de 2014. Diariamente eu passo de ônibus, na volta para casa, por outra rua que cruza aquela via e sempre prestei atenção na casa amarela com detalhes brancos, em um amplo terreno todo gradeado e salpicado por palmeiras imperiais, mas até então não sabia sua serventia.

O interior daquele casarão parece um labirinto, com corredores criados através de divisórias de escritório. Lá no fundo, informaram-me na recepção, ficava a sala dele. Eu ainda não estava entendendo muito bem qual era a função desempenhada por Tião, mas supus que ele trabalhasse na assessoria de comunicação. Uma mocinha jovem que o secretariava em uma antessala já tinha sido previamente informada e disse que ele me esperava no outro cômodo. Deve ser o chefe do setor, interpretei.

Entrei e Tião me recebeu muito bem, não fez a menor questão sobre a gravação da conversa e disse que não se importava com a assinatura do documento que eu precisaria obter depois. Havia alguns processos na mesa dele, e só fomos interrompidos rapidamente com a chegada de alguém com mais pastas como aquelas.

“Pronto, tá gravando. Eu queria que, inicialmente, você me falasse um pouco sobre Hilton Gouvêa, porque, como eu lhe disse, eu não sei nada... Como ele é fisicamente?”

“É feio, gordo e careca.”

Ri com aquela descrição tão direta e sem floreios, típica de homens falando de outros homens. Eu já tinha feito uma busca de perfis no *Facebook* e de imagens no *Google*, mas não havia encontrado nada dele. Sinto identificação e ao mesmo tempo irritação com pessoas que conseguem se esconder na internet, porque eu também tento cultivar esse tipo de privacidade/isolamento, mas, ao mesmo tempo, dá trabalho para quem está do lado de cá, querendo fuçar suas vidas.

Depois de me contar alguns causos envolvendo tanto Hilton Gouvêa quanto outros colegas da antiga turma de repórteres, Tião me revelou seu desencantamento com o jornalismo.

“O jornal, você tá entrando nessa história, mas tenha cuidado que o jornal não dá dinheiro a ninguém não. Se você pretende ser jornalista honesta, é que você vai ficar como Hilton

até hoje, operário de jornal e andando em carro velho e morando em casa de conjunto. Mas só se você quiser ser aquele cara que vende o espaço ou se prostitui, você se dá bem, senão você tem que procurar outra coisa”, e saiu enumerando os colegas que também tinham pulado fora do barco. Uns viraram assessores de imprensa em órgãos públicos; outro, professor; outro, empresário... Ele próprio, Tião, tinha largado a área e estava ali na PGE, na verdade, como procurador e corregedor-geral do Estado.

Saí de lá com boas informações, várias indicações de nomes para entrevistar e certo desconforto interior. Não creio que tenha sido a intenção dele, mas a fala acima me fez pensar que alguns podiam realmente menosprezar a permanência de Hilton Gouvêa por tantos anos como “peão” na redação de um jornal, sem que procurasse outras funções mais rentáveis que melhorassem seu padrão de vida.

Tenho pensado, não de agora, nesse tipo de utilitarismo que a nossa sociedade se acostumou a cultivar e fiquei refletindo se aquilo implicava dizer que, por mais que ele fosse um bom jornalista, seu reconhecimento deveria passar também por um destaque financeiro e social. Será que o fato de meu perfilado continuar na mesma posição de 40 anos atrás e não corresponder a certos padrões o tornaria alguém que não venceu na vida? Ou não seria justamente ele o vencedor, por continuar remando e movendo o barco do qual todos nós pulamos?

Contato imediato de 4º grau

*“Há tempos minha atitude
 dorme em um colchão de molas
 E minha consciência,
 num travesseiro de pedras”.*
 (Rádio Esterno, Travesseiro de Pedras)

Sessão de terapia.

“Então vamos lá: você acha que precisa cumprir que tarefas para levar esse projeto adiante sem se sobrecarregar na parte final do prazo?”

“Preciso terminar de ver os jornais. Acho que preciso também deixar de imaginar que o contato pode ser um fiasco e enfrentar o medo, ir ao jornal, me apresentar, etc. Preciso antes pensar no que vou perguntar, que momentos da vida dele quero abordar, não sei direito...”

“Se você por acaso o encontrasse hoje, quando saísse daqui, no hipermercado, no ponto de ônibus, se só tivesse uma chance, ‘aquela’ oportunidade, você já pensou no que poderia perguntar?”

Nada me vinha à cabeça. Provavelmente eu deixaria a oportunidade passar com medo de fazer perguntas que soassem bobas e depois me fizessem sentir meio idiota. Ri envergonhada e

ensaiei alguma justificativa de que não tinha parado ainda para ver isso. O psicólogo me orientou: “Comece por aí”.

Aquela procrastinação que eu tanto glamorizei, quando a descobri no início do curso de Jornalismo, tinha outro nome na sala do terapeuta: comportamento evitativo. Pelo que aprendi, é uma atitude que colabora para o transtorno de ansiedade generalizada que começou a comprometer minha saúde e o meu dia a dia e me fez chegar até ali. Curioso foi também começar a perceber que alguns jornalistas experientes que eu conheço parecem, ao contrário de mim, querer se livrar das pendências o mais rápido possível. Lidam com prazos muito curtos, diários, às vezes, menos que isso. Pelo visto, não dá para colocar muito aquela culpa na herança da profissão. Parece que sou eu que não tenho me movido mesmo.

No dia seguinte ao da entrevista com Tião Lucena, tomei fôlego e liguei para a redação do jornal *A União* para o primeiro contato com Hilton Gouvêa. No pior dos resultados, tentei raciocinar, ainda me restava bancar Gay Talese e perseguir à distância o meu Frank Sinatra.

“Um momento. Hilton, é para você!”

Se essa narrativa fosse um filme, daria para ouvir Belchior no *background*, enquanto eu aguardava ao telefone: “medo, medo, medo”⁸. Medo. Mesmo com tudo anotadinho em tópicos num

pedaço de papel, para não me perder nem esquecer de falar o mais importante.

“Oi, Hilton! Meu nome é Bruna, faço mestrado em jornalismo na UFPB e estou realizando uma pesquisa sobre jornalismo literário. Na busca por profissionais da imprensa daqui que tivessem uma aproximação com esse tipo de escrita, encontrei uma reportagem sua que se encaixa nos critérios e gostaria de saber se você poderia me receber para uma entrevista.”

Tive a impressão de que ele não entendeu muito bem o que seria jornalismo literário nem demonstrava conhecer, em teoria, tais técnicas que podem ser aplicadas ao jornalismo, pois logo justificou que tinha poucas produções sobre literatura e se voltava mais para reportagens sobre fatos históricos. Esse desconhecimento foi recorrente não só com ele, mas com outros profissionais que entrevistei antes e depois, e eu pensei que, por mais que não tivesse entendido as teorias que eu mencionava, Hilton parecia saber fazer o jornalismo que eu procurava.

Expliquei rapidamente alguns recursos que ele tinha utilizado na reportagem sobre carcinocultura, e, após o esclarecimento, ele respondeu algo como: “Ah, ok. Então venha aqui amanhã e debatemos sobre a matéria”.

Senti tudo indo rápido demais para o meu gosto; meu eu evitativo pediria uns dias de intervalo para digerir aquele primeiro contato e assentar a ideia de que iria encontrá-lo. Mas, como não

podia desperdiçar a chance, claro que aceitei. Naquele mesmo dia, avisei sobre o atraso que teria no trabalho e, antes de dormir, tomei um remédio para tentar relaxar. Estava eu prestes a conhecer aquele ser ainda não identificado.

Contato imediato de 5º grau

*“Caminhante, não há caminho,
se faz o caminho ao andar”.*

(Antonio Machado, Proverbios Y Cantares – Poema XXIX)

O prédio atual de *A União* fica em uma localidade distante do centro de João Pessoa, o bairro de Distrito Industrial, na zona sul da capital paraibana. Como o próprio nome sugere, a região foi sendo destinada, a partir dos anos 1970, para a instalação de fábricas e indústrias no município. No trajeto do bairro onde moro, na zona oeste, até lá, as casas iam rareando e dando vez a pontos comerciais, mato baixo, caminhões transportando cargas na BR-230 e poeira subindo na pista. No primeiro dia em que me desloquei para lá, uma obra para construção do Viaduto do Geisel acontecia às margens da estrada, causando certa lentidão ao trânsito no local.

A vinda de *A União* para a área também remonta àquela década, quando o então governador Ernani Sátiro autorizou, através da Lei nº 3.704/1972, a constituição da sociedade de economia mista denominada “A União – Companhia Editora”, a fim de regulamentar seus objetivos e fortalecê-la economicamente. No ano seguinte, 80 anos após sua fundação, o veículo estatal (e único jornal oficial existente no Brasil atualmente) ganharia as instalações definitivas no Distrito Industrial. Antes, teve sua sede na Praça João Pessoa – no terreno onde depois seria construída a Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) – e passagens pela Avenida General Osório, no Centro, e pelas Ruas Osvaldo Pessoa e João Amorim, ambas em Jaguaribe.

Para chegar à Avenida Chesf, onde fica o jornal, para quem vem de João Pessoa já na BR-101, entra-se à direita após cruzar uma passarela para pedestres. Tive medo de ir sozinha, de ônibus, por se tratar de um local ermo e desconhecido para mim, então meu namorado me deu uma carona. Senti que fiz bem, porque, ao chegarmos ao local, estávamos cercados por terrenos baldios e poucos carros trafegando na rua, o que não seria muito seguro para uma mulher sozinha, apesar de não passar das 9h30.

Paramos na calçada de paralelepípedos que funciona como estacionamento. Detalhes da edificação sinalizavam que o prédio foi projetado há algumas décadas: paredes de tijolos pintadas em tom de barro e divididas por colunas acinzentadas e um painel de

concreto pintado com letras embaralhadas que formam várias vezes a palavra “grafica”, semelhantes às peças que eram reunidas em matrizes tipográficas para o processo de impressão dos jornais antigamente. O projeto arquitetônico foi assinado por Carlos Alberto Carneiro da Cunha e executado inteiramente com recursos do Estado, sendo considerado, na época, um dos mais modernos parques gráficos do Nordeste. O painel da fachada, por sua vez, foi uma criação de Régis Cavalcanti, artista plástico e então estagiário da equipe de Arquitetura.

Entramos no primeiro bloco, que internamente se assemelhava a um órgão público. Uma recepcionista ligou para Hilton e me orientou a atravessar o pátio e encontrá-lo na redação. Já conhecia os ambientes de outros dois jornais da cidade (*Correio da Paraíba* e *Jornal da Paraíba*) e minha expectativa era de que o de *A União* fosse um pouco mais “sucateado”, por se tratar de um veículo estatal e centenário. Para minha surpresa, dei de cara com uma estrutura espaçosa, arejada e bem-cuidada, com um “quê” de modernidade que destoava do que eu tinha visto e imaginado lá na entrada. Alguns móveis eram feitos de paletes (uma estrutura formada por vigas de madeira clara para sustentar cargas pesadas, a fim de facilitar sua armazenagem e transporte), os quais viraram tendência em decoração nos últimos anos; a pintura era branca e havia aplicação de edições do jornal em tom sépia em algumas paredes completas, formando uma espécie de

painel histórico; além de uma parede grande pintada com tinta preta especial, que funciona como quadro negro para riscar com giz. Esses detalhes davam à redação um agradável toque jovial.

O ambiente tinha também uma boa iluminação natural, com janelas grandes, destoando das estruturas das redações dos outros jornais, que eram completamente fechadas e se assemelhavam a porões. Ao contrário, a vista das janelas da redação de *A União* dá para o pátio do imóvel, com um jardim muito bem-cuidado, com linotipos restauradas e colocadas entre as árvores e plantas menores que estavam sendo podadas quando atravessamos.

Sem ter visto nenhuma imagem de Hilton Gouvêa até então, entrei sozinha na redação, procurando rapidamente um repórter velho (na época, ele estava com 67 anos) e, como seu ex-colega Tião Lucena me orientou, “feio, gordo e careca”. Não posso negar que foi uma referência útil. Quando me apresentei, ele me saudou e pediu que eu esperasse um pouco, para terminar de escrever algo no computador. Notei que o leitor de texto estava com a fonte em um tamanho enorme. Mais adiante, ele me revelou que está com uma percentagem muito baixa de visão, devido a uma catarata de fundo de olho. Vez ou outra, espreme o rosto e deixa os olhos bem cerradinhos para conseguir enxergar melhor.

Pelas fotos que já vi de dois de seus outros oito irmãos, posso dizer que a imprensada que Hilton costuma dar nos olhos ressalta seus traços familiares: eles só têm testa, nariz e queixo. A

boca e os olhos são linhas finas que ficam ali, escondidas, só completando a estrutura da face, parecendo um desenho do Popeye. Em conversas posteriores, ele lembrou que, devido aos olhos puxadinhos, seu apelido era “China” nos tempos de colégio.

Não tive contato com o restante da equipe da redação, exceto por essa breve passagem pela estação de trabalho dos repórteres, com todos concentrados em seus afazeres. Quando terminou de escrever o que estava fazendo em seu computador, Hilton me conduziu à mesa de reuniões, que fica a certa distância de onde se concentravam os demais jornalistas. Próximo a nós dois, havia apenas um homem de meia-idade trabalhando no computador, o qual deduzi ser um editor ou chefe de reportagem do jornal. Hilton disse algo prático como “Vamos lá, o que você quer saber?”, e eu comecei a lhe explicar qual era o objetivo da minha pesquisa e lhe dei também uma cópia do projeto aprovado pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ).

Em pouquíssimos minutos de fala e com muita naturalidade, ele me interrompeu e desandou a contar dezenas de histórias. Conversamos por cerca de duas horas.

“Você atrai o inusitado”

O ano era 2004 ou 2005. Hilton Gouvêa aguardava a abertura do elevador no prédio da Associação de Plantadores de Cana da Paraíba (Asplan), no centro de João Pessoa, quando ouviu uma voz imponente bradando atrás de si: “Grande jornalista!”

Ao se virar, deu de cara com uma figura que ele achava parecida fisicamente com o ator George Hilton, famoso por performances em filmes italianos de faroeste nas décadas de 1960 e 1970. De calça social e camisa branca, com o botão mais próximo da gola desabotoado e as mangas compridas dobradas um pouco abaixo dos cotovelos, o dublê de estrela de cinema era, na verdade, o jornalista Luiz Augusto Crispim, que Hilton conhecia muito bem.

Era contra aquele antigo chefe de reportagem do jornal *O Norte* que, em 1974, o inexperiente “foca” vociferava internamente sempre que recebia um texto corrigido e com orientações de mudanças. Hilton não gostava dos comentários rabiscados na folha datilografada e, desde jovem, não aceitava desaforo de ninguém, mesmo que a abordagem fosse a mais educada e modesta possível, como era da postura de Crispim.

“Depois de me mandar corrigir sei lá quantas vezes, eu voltava formigando e prestes a lhe dar uma resposta daquelas na próxima... Mas aí ele chegava com toda a calma dizendo que ‘tudo bem, acho que assim dá para publicar’... Dá para publicar!!! Diga aí! Vinha me falar isso depois de eu mexer no texto daquele tanto!”, e Hilton ria enquanto me contava aquela história. “Eu era muito novo, malcriado, respondão e achava que já sabia de tudo, mas a verdade é que ele me ajudou bastante a ser mais enxuto com o texto, a usar menos adjetivos e a escrever melhor. O jornalismo me domesticou”.

Ele foi ficando sério quando se lembrou da história mais recente que tinha de Luiz Augusto Crispim. Foi aquela situação do elevador, o último encontro que tiveram antes do falecimento do jornalista, por complicações decorrentes de um câncer de próstata, em 7 de dezembro de 2008, uma semana antes do aniversário de 60 anos de Hilton Gouvêa. Eles tinham uma diferença de três anos de idade e, quando se conheceram, em meados dos anos 1970, ambos ainda nem tinham chegado à faixa dos 30 anos, mas Hilton falava do antigo chefe como se o sujeito fosse um mentor com décadas de experiência de vida e de profissão à sua frente.

Apontou para um quadro que ficava atrás de nós, em uma das paredes de *A União*, para me mostrar a fisionomia de Luiz Crispim. O jornalista, escritor e advogado pessoense, que ganhou um Prêmio Esso em 1975, foi homenageado postumamente pelo

jornal emprestando seu nome àquela redação onde agora conversávamos. De repente, enquanto me falava da referência que lhe tinha sido aquele homem, o rosto de Hilton Gouvêa ficou vermelho e ele desabou no choro. Aquele encontro no elevador tinha sido a última vez que viu o amigo.

Era ainda a nossa primeira entrevista, e eu fui surpreendida com aquela reação. Imaginei que Hilton tinha uma profunda admiração e uma forte ligação com Luiz Augusto Crispim, além de uma emotividade que eu não esperava, a ponto de chorar outra vez na minha frente, quando voltou a tocar no assunto, escondendo os olhos com as mãos.

Logo depois, comecei a entender que aquele reconhecimento de Crispim era uma espécie de troféu que Hilton carregava, um atestado sobre sua capacidade como jornalista, que ele lembrava com todo o orgulho. Devido às pautas improváveis que a vida jogava em suas mãos – a exemplo da topada na baleia pré-histórica e do encontro com um mendigo que, na verdade, era um ex-cangaceiro –, Luiz Augusto Crispim costumava lhe dizer que ele “atraía o inusitado”. Também garantia que, se conseguisse reunir em um só lugar dez repórteres como Hilton Gouvêa, teria o melhor jornal do Brasil. Isso sentenciado pela boca de um membro da Academia Paraibana de Letras, vencedor do Prêmio Esso de Jornalismo, mexe com a autoestima de qualquer um.

Linhagem familiar

Daquela primeira conversa com Hilton Gouvêa, também saí com a impressão de que outro motivo de satisfação para ele era contar que descobriu por conta própria ligações de sua família com o passado. “Muitos intelectuais sabem decorada a história da Grécia, mas desconhecem aspectos do lugar onde nasceram e de sua própria família”, comentou.

O pai de Hilton se chamava Milton Marques de Araújo e era natural de Itabaiana, município localizado no agreste paraibano. Nascido em 2 de novembro de 1921, fugiu de casa aos 19 anos e, para se manter, acumulou diferentes profissões: foi sargento, carteiro, açougueiro... Desse último ofício, não só ele, mas toda a família adquiriu o hábito de comer carne em demasia.

Frequentemente, enquanto cortava peças de carne em um açougue onde trabalhava com os tios, na Rua da República, já na capital, Milton observava uma moça que passava fardada para a escola. “Ô, menina bonita!”, cantava, sem receber atenção.

Um dia, brincando Carnaval fantasiado com trajes femininos, Milton subiu em um bonde e jogou lança-perfume no rosto daquela mesma mocinha, que se chamava Josefa Gouveia, vinha de Timbaúba (PE) e era exatamente um dia mais velha do que ele. Sabe-se Deus como (porque ela era “braba feito siri em

uma lata”), os dois acabaram conversando e ensaiando um namoro que inicialmente não foi consentido pela tradicional família da jovem. De volta ao trabalho, ele sofreu um acidente e cortou a mão em um dos ganchos usados para pendurar carne. Zefinha, como era chamada, foi visitá-lo no hospital, e não teve mais quem os impedisse de ficarem juntos.

Já casados, depois de servir como sargento nos anos em que se deu a Segunda Guerra Mundial, Milton fez um concurso e se tornou carteiro dos Correios. A família então virou um grupo itinerante, passando por cidades como Arara, Caiçara, Solânea...

A mãe de Zefinha era loira de olhos claros, enquanto Milton vinha de uma família de gente negra, de modo que os filhos foram nascendo mesclados: um branco que nem tapioca, o outro moreno, outro nem uma coisa nem outra.

Seu Milton e Dona Zezé, como também ficou conhecida, já tinham três meninas quando, no dia 13 de dezembro de 1948, “Tuca” nasceu. Na verdade, o casal teve um total de 14 filhos, mas só nove sobreviveram. Da contagem original, ele era o 7º filho e ouviu muitas histórias de que teria como destino tornar-se um lobisomem. Não foi algo lendário como o folclore previa, mas parece que a vida desde o início queria mesmo fazer aquele menino diferente: no momento do registro de seu nascimento, o cartório errou a grafia de um dos sobrenomes, e Hilton foi o único que recebeu o Gouveia da mãe sem o “i”. Tempos depois, nas

pirraças entre os nove irmãos, isso viraria motivo de piada: “Tuca é o único filho da puta da família!”.

Outra dessas façanhas cartorárias também aconteceu com um dos filhos mais novos: escolhido para levar adiante o nome completo do pai, Milton Marques Júnior foi registrado sem o último sobrenome e acabou sem vínculo com mãe nem pai. “Eu nem tenho o Gouveia de minha mãe, nem tenho o Araújo de meu pai. O cartório comeu o Araújo, então eu fiquei Milton Marques Júnior. Eu sou filho da mãe de meu pai, e não do meu pai”, contou o irmão de Hilton.

Ambos os irmãos se lembram com carinho de uma das primeiras casas onde a família morou, na Avenida Coremas, no bairro de Jaguaribe. A mãe trabalhava como técnica de análises clínicas e também era parteira diplomada na Maternidade Cândida Vargas, localizada naquela mesma rua.

“É uma avenida que eu trago com uma memória muito forte da minha vida, porque ela tem um quilômetro de comprimento e uma característica bem marcante: ela é dividida por jambeiros... Então, nos períodos da frutificação do jambo, a rua ficava tomada por um tapete vermelho”, lembra-se o professor universitário Milton Marques Júnior.

Hilton também mencionou os jambeiros e disse que, como criança geniosa que era, detestava quando os moleques da rua subiam nas árvores do perímetro da sua casa para pegar os “seus”

jambos. Rolavam no chão com as brigas, mas em pouco tempo já estavam compartilhando as brincadeiras na calçada novamente. “Tinha vez que eu aprontava até na maternidade onde minha mãe trabalhava. A gente ia matar lagartixa, mas errava a mão na baleadeira e quebrava os vidros da janela... Quando minha mãe chegava em casa, era aquela pisa”, contou ele, em meio aos risos.

Os pais eram muito preocupados com a educação de todos os filhos. “Apesar de nenhum dos dois ter completado o ginásio, meu pai tinha um gosto muito grande pela leitura; e minha mãe escrevia muito bem, falava muito bem, e foi quem nos ensinou a fazer cópia, ensinou tabuada, e detestava quem falava errado perto dela”, destacou Milton Júnior.

Os mais velhos chegaram a estudar nos melhores colégios internos do estado e fora dele. As três moças foram para um colégio de freiras em Bananeiras (PB), enquanto Hilton foi levado para Caicó (RN), jurando que ia ser padre. “Tinha muita menina lá que dizia que eu era bonito, e eu também gostava delas, aí desisti dessa vida”, completou.

Milton Júnior confirmou a fama de namorador do irmão: “Hilton era um sujeito bonito, fazia um sucesso enorme com as moças em todos os lugares, onde a gente morou e fora também. Era muito bonito e vaidoso”.

Assim que atingiu a maioridade, o rapaz que gostava de andar na moda e de viver a juventude fugiu com uma moça de 16

anos e foi obrigado a se casar. Moraram três anos na casa dos pais de Hilton e já tinham um filho pequeno, quando ele soube de um recrutamento para trabalhar na Transamazônica. O pai militar queria que ele se alistasse no Exército, mas Hilton foi embora para Altamira (PA), trabalhar no setor burocrático. Quando voltou, já tinha condições de sustentar a própria família e começou a trabalhar com serigrafia. Depois, pulou para o jornalismo.

Hilton, em dado momento da vida, durante as inquietações investigativas que sempre teve, começou a refazer outras ligações familiares com o passado. Seu avô Cornélio Eulámpio de Gouveia, pai da sua mãe, já estava no fim da vida quando teria mostrado, ao neto jornalista, papéis que revelavam que ele era sobrinho de um coronel e grande industrial cearense. Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, que hoje empresta seu nome a um município alagoano, seria, portanto, tio-bisavô de Hilton Gouvêa.

Embora não tenha ficado com essa documentação, Hilton garante que, fora isso e o testemunho de seu avô, os rastros são claros: no século retrasado, ainda criança, Delmiro Gouveia se transferiu com a família do Ceará para o estado de Pernambuco, vivendo inicialmente em Goiana (PE), depois em Recife (PE). A mãe de Hilton, sobrinha-neta de Delmiro, nasceu em Timbaúba, um município pernambucano que fica a 40 minutos de Goiana e a duas horas de Recife. Ou seja, dentro da área onde os pais de Delmiro (e, portanto, também pais do avô de Josefa, conforme a

árvore genealógica que tive que desenhar para entender) se estabeleceram.

Lá na capital pernambucana, Delmiro Gouveia começou a construir seu império, cujas marcas históricas podem ser vistas até hoje: o bairro do Derby se originou a partir da construção de um moderno centro comercial estabelecido pelo industrial cearense, na virada dos séculos XIX e XX, em uma área onde antes havia um hipódromo que foi desativado. O empreendimento, considerado o primeiro *shopping center* do Brasil, foi destruído em um incêndio intencional, no ano de 1900, devido a perseguições políticas sofridas por seu dono e que resultaram em seu assassinato, em 1917. Na década de 1920, o prédio foi recuperado, perdeu características góticas originais, como as portas e janelas ogivais (ou seja, “pontudas” na parte superior), as quais foram mescladas para uma arquitetura renascentista, mais arredondada. Virou sede da Polícia de Pernambuco e, juntamente a um projeto de urbanização na região, atraiu famílias ricas que começaram a se estabelecer no seu entorno. Hoje, o prédio inicialmente concebido por Delmiro Gouveia, em Recife, é conhecido como o Quartel do Derby.

Segundo apurei com a família mais próxima, atualmente, essa ligação dos Gouveia paraibanos com o Gouveia industrial cearense só consta na palavra de Hilton, embora o jornalista afirme que conversou com outros parentes para confirmar a

história. “O meu conhecimento sobre a genealogia da família esbarra no meu avô Cornélio Eulámpio de Gouveia e na minha avó Estelina Apolinário de Gouveia. Para cima eu não fui, não sei, e Hilton deve ter feito uma pesquisa para poder dizer que nós temos um parentesco com Delmiro Gouveia. [...] Confesso que eu nunca ouvi falar isso na família, a não ser através dele. Eu acredito que seja, porque a família é basicamente uma só”, analisou um dos seus irmãos, Milton Marques Júnior.

Não satisfeito com a relação parental, Hilton logo tratou de observar outras conexões pessoais com aquela figura histórica. Ele diz que vem da linhagem familiar de Delmiro Gouveia um espírito desbravador, aventureiro, assim como uma coincidência no campo conjugal. Consta na história de seu antepassado a fama de namorador e o envolvimento com uma menina adolescente, de 12 anos, com quem ele fugiu, após seu primeiro casamento, e passou a viver até sua morte. Tiveram três filhos. Pois a curiosidade é que Hilton, depois de outros casamentos, aos 49 anos, também fugiu com uma adolescente de 14, com quem vive até hoje e que lhe deu três filhos. No total, ele é pai de 13 filhos, de três mulheres diferentes. A filha mais velha já está beirando os 50, enquanto a caçula tem somente quatro anos de idade.

Os dois também demonstram ter traços de personalidade parecidos: impacientes, de pavio curto. Homens práticos, que não admitem preguiça nem estupidez. Segundo relatos históricos,

Delmiro Gouveia chegou a agredir com bengaladas um vice-presidente da República. O ataque de fúria teria sido motivado por uma ameaça de morte que estava sofrendo. Rosa e Silva, vice do então presidente Campos Sales, teve que se esconder em uma loja na Rua do Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro, para fugir das pancadas testemunhadas por uma pequena multidão.

Já de Hilton, foram inúmeras as histórias de que ele pode ser uma pessoa extremamente gentil e brincalhona, desde que não critiquem suas convicções nem pisem no seu calo. “Na adolescência, sempre foi briguento, opiniático e de um humor difícil, apesar de sempre ser uma figura de um bom humor, quando tá contando causos, excepcional. Mas ai de quem discordar dele... A opinião dele é a opinião dele e acabou”, revelou seu irmão Milton Júnior.

Outros ex-colegas de redação, como o jornalista Jorge Rezende, também convergiram para uma descrição nesse sentido: “Assim, ele é uma pessoa... não quero chamar de bipolar, mas ele conseguia ser numa pessoa só a mais sensível para tratar de um assunto, mas podia ser a mais troglodita do mundo... [...] Ele era estúpido e delicado ao mesmo tempo”.

O repórter fotográfico Antônio David Diniz, companheiro de trabalho de Hilton durante muitos anos, desde o início de ambos no jornal *O Norte*, ainda comentou: “Ele tinha esse lado meio rude, ignorante, mas eu também era meio ignorante, do

interior, e a gente terminava levando tudo na maior brincadeira. No meio jornalístico, tem muita gente que quer tirar brincadeira com o foca, mas Hilton não permitia isso, porque ele sempre levou o trabalho dele com muita seriedade e competência”.

O surgimento do destemido repórter

Hilton Gouvêa tinha mais ou menos 25 anos quando começou como repórter da editoria de Geral no jornal *O Norte*. Mesmo tendo passado por várias editorias em diversos veículos ao longo de sua trajetória, ele faz questão de frisar: sempre foi e sempre será um repórter de Geral, pau para toda obra. Não tinha isso de escolher uma área para atuar, tanto que ele enveredou por várias ao longo dos mais de 40 anos de profissão.

Ele conta, em uma entrevista publicada em 2013, na coluna de Agnaldo Almeida, em *A União*, sobre seu ingresso no jornalismo paraibano: “Naqueles tempos não existia Escola de Comunicação em João Pessoa. Aí, eu operava um computador Varicomp, em *A União*. Faltou uma matéria para fechar uma página. O editor Marconi Altamirando soube que eu estava recém-chegado da Transamazônica e perguntou-me se eu topava escrever a matéria. Escrevi. Ele gostou. Dois dias depois, eu já estava como

repórter. Mais alguns dias e passei para *O Norte* [...]. Emplaquei em jornal até hoje”.

Sua primeira manchete, da qual ele se lembra bem, foi uma reportagem sobre poluição na Ilha do Bispo. Pauta na mão, Hilton entrou em contato com uma equipe de um posto de saúde e descobriu que a esmagadora maioria da população da localidade apresentava problemas respiratórios, inclusive com grande quantidade de casos de enfisema pulmonar, uma doença degenerativa que acomete a elasticidade e os alvéolos e compromete a troca adequada de ar nos pulmões. A apuração do repórter chegou até uma fábrica de cimento na região, de onde saía a poeira que estaria causando danos à saúde dos moradores.

Após a repercussão dessa e de outras reportagens, ele começou a ganhar espaço e gradativamente mais liberdade com seus textos. “Cinco ou sete meses depois de começar no jornal, eu não fui mais copidescado”, diz, cheio de orgulho.

Já na rotina entre uma pauta e outra, no fim da tarde de 24 de agosto de 1975, Hilton foi surpreendido com sua verdadeira prova de fogo: a tragédia da Lagoa. Estava junto com um repórter fotográfico quando, passando pela região do Centro, viram a multidão no entorno de um dos principais cartões-postais de João Pessoa. Era um domingo, e a população participava das comemorações da Semana do Soldado.

O mês de agosto é considerado por muitos o mês do desgosto e do mau agouro, mas um de seus dias, em particular, é motivo de cuidado extra para os mais supersticiosos. Reza a lenda que, a cada 24 de agosto, o Diabo foge do inferno e vem aprontar perto da humanidade. A data é conhecida entre os católicos como o Dia de São Bartolomeu, em referência a um dos apóstolos de Jesus Cristo que morreu esfolado e decapitado naquele dia, no ano de 51 d.C. Na representação do Juízo Final feita pelo artista renascentista Michelangelo, no altar da Capela Sistina, no Vaticano, São Bartolomeu é uma das figuras que aparecem ao redor de Cristo e está segurando a própria pele, arrancada do corpo antes de sua morte.

Vários fatos históricos e tragédias mundiais ocorreram nessa data. A erupção vulcânica do Vesúvio, que destruiu Pompeia e outras cidades do Império Romano, ocorreu em 24 de agosto de 79 (d.C.). A cidade de Roma foi saqueada pelos visigodos em 24 de agosto de 410, sendo essa a primeira de uma série de invasões que resultaram na queda do Império Romano do Ocidente, no ano de 476, evento que marcou o fim da Idade Antiga e o início do período medieval. Um massacre de milhares de cristãos protestantes, em Paris, aconteceu em 24 de agosto de 1572. No período final da Segunda Guerra Mundial, a cidade alemã de Frankfurt foi severamente bombardeada em 24 de agosto de 1944. O ex-presidente Getúlio Vargas se suicidou com um tiro no peito

em 24 de agosto de 1954. Sobrou até para Plutão, que, em 24 de agosto de 2006, foi rebaixado à categoria de planeta-anão.

João Pessoa também teve sua própria tragédia no dia 24 de agosto de 1975. Durante os festejos organizados pelo Exército na Lagoa do Parque Solon de Lucena, na véspera do Dia do Soldado, a principal atração era um passeio de cerca de 20 minutos em um equipamento militar que se assemelhava a uma balsa, chamado de “portada M-2”. A embarcação vinha emprestada do 7º Batalhão de Engenharia de Combate de Natal (RN) e estava exposta para a população juntamente com outros apetrechos, armamentos e até tanques de guerra, que ficaram na área próxima ao Cassino.

A movimentação no entorno da Lagoa era intensa, com vendedores de pipoca, algodão doce e outras guloseimas, os quais aproveitavam a demanda de crianças que vinham com seus pais para curtir aquela tarde de domingo. Algumas corriam, outras brincavam de bola de gude no chão, e uma grande quantidade aguardava na fila para dar uma volta no barco de uso militar.

Informações de jornais da época dão conta de que a estrutura comportava até 60 pessoas, mas foi ocupada por mais de uma centena naquela última viagem. Narra-se que uma das crianças foi puxada pela roupa no momento em que estava subindo na embarcação. “Tem gente demais, você não pode entrar não, rapazinho”, disse mais ou menos assim o soldado que

controlava a entrada. O menino, que não tinha nem cinco anos, ficou chorando enquanto o barco se afastava.

A ideia era que, saindo da margem próxima à Avenida Getúlio Vargas, a embarcação contornasse em sentido horário a fonte luminosa que ficava no centro da Lagoa. Em reportagem do jornal *O Norte* de 26 de agosto de 1975, supostamente (já que, naquela época, os textos não eram assinados) escrita por Hilton Gouvêa, há descrições cena a cena do que se passou:

“Seria o último passeio da lancha (portada). Numa enorme fila, dezenas de pessoas aguardavam a vez de embarcar. Na Lagoa do Parque Solon de Lucena, cerca de cinco mil pessoas se encontravam no local, principalmente crianças, visitando a exposição promovida pelo exército. De repente um grito: ‘– A lancha está afundando’. Foi o suficiente para provocar o terror entre todos. Enquanto, lentamente, a embarcação afundava, muitos se jogavam na lodoso água da Lagoa. Os pais de muitas crianças que estavam na lancha, desesperados, ajudavam os soldados e oficiais nas buscas de salvamento, enquanto que uma mãe de três crianças que se afogavam na Lagoa tinha um ataque cardíaco.”

O caso teve repercussão em todos os veículos locais e também nos nacionais. “Segundo versão corrente na capital paraibana, o acidente foi causado pelo pânico que tomou conta dos passageiros; a barca teria se inclinado um pouco e os

passageiros passaram a se movimentar de um lado para o outro – a barca perdeu seu ponto de equilíbrio natural e soçobrou”, detalha uma matéria veiculada no jornal *Folha de S. Paulo*, também na terça-feira seguinte ao naufrágio.

Testemunhas relatam que, apesar de ser essa a versão oficial do Exército, a estrutura era muito frágil, não tinha proteção em sua volta, estava superlotada (há quem fale em até 200 pessoas disputando o pequeno espaço) e sequer botes ou coletes salva-vidas foram disponibilizados. Conforme o barco afundava, algumas pessoas conseguiram se apoiar em cima da estrutura, outras tentaram manter as crianças menores no alto, segurando-as nos braços. Centenas de populares assistiam a tudo às margens da Lagoa, sem poder nada fazer. O sol já se punha quando os bombeiros chegaram, o que prejudicou o resgate noite adentro.

O saldo foi de 35 pessoas mortas, sendo 29 crianças, além de dezenas hospitalizadas em estado de choque. Hilton Gouvêa conta que, tendo chegado ainda no momento em que o barco afundava, acompanhou, com o repórter fotográfico, os trabalhos naquele primeiro dia e, na manhã seguinte, ambos voltaram para registrar os desdobramentos do naufrágio. Corpos retirados estavam sendo deixados na grama em torno da Lagoa, e, conforme ele fazia a cobertura jornalística, percebeu que outros mortos ainda estavam boiando nas águas poluídas.

Depois de vários registros, Hilton ouviu alguém atrás de si: “Ei, gordinho! Vocês pensam que tão fazendo o quê?”. Era um dos militares que, de arma em punho, falava em tom de ameaça, sem deixá-lo sequer argumentar: “Cala a boca!”.

Como era de praxe em abordagens durante a Ditadura Militar, os dois profissionais da imprensa foram colocados em um carro da Polícia Federal e recolhidos para o quartel do 1º Grupamento de Engenharia, na Avenida Epitácio Pessoa. Confiscaram a máquina e o filme fotográfico, sem saber que outros dois rolos haviam sido guardados dentro das meias dos envolvidos. As imagens foram usadas para ilustrar as manchetes posteriores de *O Norte*, depois que o jornalista e senador João Calmon, da Aliança Renovadora Nacional (Arena), interveio na soltura do jornalista pessoense. A atitude teria sido motivada pela relação que o político tinha com Assis Chateaubriand e os Diários Associados, conglomerado do qual o jornal fazia parte.

Também em meados da década de 1970, durante o Regime Militar, outra ousadia de Hilton como repórter foi entrar disfarçado no Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, para comprovar denúncias feitas por estagiárias da unidade de saúde mental. Segundo as jovens informaram, os internos estavam sendo submetidos a maus-tratos e descaso com cuidados básicos.

O jornalista conta que conseguiu com as estudantes de Medicina uma bata branca, um estetoscópio e uma maleta para

tensiômetro, dentro da qual o fotógrafo que o acompanhava escondeu a máquina. Foram transitando pelo Complexo e entraram na Ala Ulisses Pernambucano, onde se depararam com as cenas chocantes que foram narradas na reportagem. “Era um verdadeiro campo de concentração. O chão estava imundo, coberto de urina e fezes, os leitos descobertos e podres também... Os pacientes eram tratados como bichos, nus, com os pelos pubianos quase chegando aos joelhos... Um deles estava recebendo comida à força, segurado pelos cabelos, e foi essa imagem que usamos para a manchete”, lembra.

Já na saída, o disfarce foi ameaçado: um conhecido o abordou e perguntou o que ele fazia ali com aquele traje branco. Hilton mentiu, dizendo que, apesar de ainda trabalhar como jornalista, estava estudando para se tornar médico. Saiu de lá incólume, mas, depois da publicação do material, ele e o fotógrafo passaram uma semana fora, porque o jornal temia represálias.

Naquela época, a situação relatada no Complexo Juliano Moreira não era exceção. Ainda vigorava no país a prática de enclausurar os indivíduos com transtornos mentais em sanatórios. Somente no fim dos anos 1970 começaria uma tímida movimentação voltada para uma reforma psiquiátrica, que foi tomando força até, nos anos 2000, resultar em leis efetivas sobre os direitos dessas pessoas e no redirecionamento do modelo assistencial em saúde mental no Brasil. A concepção atual é de

que o tratamento de indivíduos com sofrimento psíquico deve passar pela inserção na família, no trabalho e na comunidade, sendo a internação indicada somente quando os recursos extra-hospitalares se mostrarem insuficientes.

Os leitos e celas para manter pacientes internos no Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira foram oficialmente fechados em dezembro de 2015. Na ocasião, a então secretária de Saúde da Paraíba, Roberta Abath, abriu simbolicamente as grades do hospital e, emocionada, pediu perdão aos que ali sofreram sem um tratamento humanizado e uma correta assistência psicossocial.

Vida nas redações

Gritos, risadas, fumaça, batidas de datilografia, barulho de Telex, falatório, brincadeiras, brigas, bagunça. Não existia paz em uma redação de jornal antigamente. O finado Cristovam Tadeu, antes de se eternizar como ator e humorista, trabalhava fazendo charges e ilustrações no *Correio da Paraíba* e retratou perfeitamente aquele ambiente de trabalho: uma passagem para o inferno, com direito ao Diabo apontando o caminho e labaredas saindo da entrada da redação. Depois de publicado, o desenho ficou por muito tempo em um cantinho na mesa de diagramação

manual do jornal, embaixo do tampo de vidro, para lembrar a todos a tosca realidade.

Até os anos 1990, a prática do tabagismo não era condenada em ambientes coletivos; ao contrário, devido à glamorização principalmente no cinema, nas décadas anteriores, o hábito era associado a charme e sofisticação. Sendo assim, quase todos os jornalistas fumavam, inclusive, dentro das redações. Também não havia climatização, o que, juntando as baforadas dos fumantes e o calor de João Pessoa, tornava os ambientes fechados verdadeiros fornos.

Ninguém tinha computador, acesso à internet nem Google. Tudo era feito à base de entrevistas presenciais, consulta em livros e outros materiais impressos, no máximo um breve telefonema.

“Era cada um na sua máquina de datilografia, aquela do texto duro, que, quando começava, um batia e outro batia e outro batia, você imagine a zoada. Além disso, tinha o Telex, um equipamento grandão que recebia as matérias nacionais e internacionais, que funcionava como se fosse uma máquina de datilografia digitando sozinha”, explicou o jornalista Tião Lucena, ao descrever as redações de antigamente.

Outro contemporâneo de Hilton Gouvêa, o jornalista Ademilson José, comentou que, em um ambiente em que predominava a “macharada”, a algazarra e as brincadeiras pesadas eram frequentes: “Antônio Hilberto, que já morreu, e Humberto

Lira, por exemplo, eram uns camaradas que tornavam a redação uma coisa muito animada, sabe, você tinha até que ter habilidade depois para fazer a sua matéria em pouco tempo, porque você acabava se envolvendo também nas brincadeiras, no converseiro, na fofoca... Eu já vi na redação um deles chegar bem sério, por trás da máquina onde o outro estava datilografando, e riscar a ponta do papel com um fósforo. Quando o jornalista notou, o fogo já estava chegando na máquina! Agora isso num período que não era como hoje, em que o texto está lá salvo no computador, né... Isso naquela época significava o quê? Fazer de novo... As brincadeiras chegavam a esse ponto. Às vezes, se o editor não fosse um cara de senso de humor, era capaz até de sair demitindo gente todo dia”.

Tião Lucena também me contou que Hilton gostava de aprontar com os colegas e lhe ajudou em uma vingança criativa contra um terceiro repórter amigo deles, Chico Pinto, depois que este se apossou de fotos para uma reportagem e as publicou no jornal concorrente: “Houve um crime muito famoso lá na região de Princesa Isabel, o criminoso ficou conhecido como Mata Sete porque matou sete pessoas de uma mesma família depois que um dos membros dessa família desvirginou a filha dele e não casou. Meu pai mandou fazer as fotografias do local, e era um furo de reportagem. A pessoa trouxe o filme aqui pra João Pessoa e, em vez de entregar no *Correio da Paraíba*, procurou por mim lá no

jornal *O Norte*. Chico Pinto disse: ‘É aqui mesmo, ele não tá, mas eu fico com o filme e entrego a ele’. Áí *O Norte* se apoderou das minhas fotos e deu o furo de reportagem com aquelas fotografias, e a gente ficou babando aqui, né, no *Correio*”.

Ele continuou narrando a segunda parte da história: “Tempo depois, *O Norte* publicou uma matéria dando conta que aquele Mata Sete estava fazendo um desabafo e desafiando quem quisesse ser mais valente do que ele e enfrentá-lo. Então, eu e Hilton combinamos de fazer uma carta ao jornal em nome de um famoso pistoleiro lá de Princesa Isabel chamado China de São José, desafiando o Mata Sete para um duelo ao entardecer, na rua do barracão, no sábado. A gente fez a carta bem bonitinha, botou nos Correios, e *O Norte* no outro dia estampou a manchete: ‘China de São José desafia Mata Sete para um duelo no sábado à tarde’! E publicou a carta que nós dois fizemos. No sábado, achando pouco, ainda saiu outra manchete de quatro colunas: ‘É hoje o duelo’. Hahahahaha”.

Nenhum dos dois lados ficou com raiva da situação. O ex-repórter Chico Pinto me recontou essa mesma história e disse que ainda chegou a ir no dia fazer a cobertura do duelo, que nunca aconteceu. Ele revelou outro caso: “A gente gostava mesmo de passar trotes uns nos outros. E Hilton era mestre nisso. Quando ele queria fazer alguma molecagem, ele parava a redação com as piadas. E o pior é que os editores gostavam dessa veia criativa

dele! Pedro Moreira Saraiva, por exemplo, adorava Hilton por conta desse tipo de ideia e lhe dava toda a liberdade. Lembro que uma vez, num domingo, a gente tava passando pelo Lyceu Paraibano, sem pauta, e as aulas no colégio iam começar na segunda-feira. Aí Hilton notou que tinha um jumento subindo nas escadas. Bateu a foto da fachada com o burro e emplacou uma manchete no jornal: ‘Aulas no Lyceu vão iniciar hoje’, e com o jumento subindo a escadaria!”.

O jornalista Jorge Rezende, atual chefe da assessoria de imprensa do Ministério Público da Paraíba (MPPB), também se lembrou daqueles tempos de redação com saudosismo: “Era um inferno em que a gente se divertia. A gente ganhava pouco, trabalhava que nem um condenado, mas era divertido. Era isso que fazia a gente aguentar viver naquelas condições de trabalho”.

Jorge, que é mineiro, foi colega de jornal de Hilton no início dos anos 1990, quando o repórter pessoense passava uma temporada na editoria de Policial do *Correio da Paraíba*. Ele contou que, naquela época, se havia um ambiente com cara de redação em João Pessoa, era aquele porãozinho que, até hoje, abriga os profissionais do impresso do Sistema Correio de Comunicação.

O ex-repórter é autor de um livro que reuniu miniperfis de jornalistas que atuavam na imprensa paraibana no ano de 1996. Na obra, Hilton Gouvêa era um dos entrevistados e argumentava:

“Se você disser hoje que quer um repórter policial, não aparece ninguém. Se pedir um repórter para a Geral, é muito difícil... Agora, para matéria cultural e de política, aparece um monte”.

Alguns jornalistas corroboraram esse comentário de Hilton ao dizerem que as redações sempre tiveram uma espécie de sistema de casta entre os repórteres, de acordo com as editorias pretendidas e evoluindo conforme a passagem das décadas. Nos anos 1970, a estrela do jornal era o repórter policial, que conseguia as manchetes mais atrativas, envolvendo crimes e reviravoltas dignas de tramas ficcionais. “*O Norte* e o *Correio* aqui em João Pessoa, por exemplo, tinham essa disputa para ver quem dava mais sangue, quem dava mais morte na primeira página”, observou Jorge Rezende.

Já pelos anos 1980, embora ainda houvesse uma quantidade considerável de matérias policiais e imagens chocantes tentando atrair a atenção dos leitores para as capas dos jornais, o posto mais almejado passou a ser o daquele repórter que atuava nas áreas de Política ou Cultura, pela ideia de proximidade com o poder e a fama. Poucos topavam continuar no trabalho grosso, fazendo a chamada ronda policial, checando informações nas delegacias e lidando com corpos ensanguentados e criminosos.

Hilton Gouvêa, no entanto, não parecia se importar com essa imagem decadente do repórter policial. Quando foi

convidado para integrar a baia, no fim dos anos 1980, assumiu a tarefa com a mesma disposição e determinação de sempre.

Naquela época, a editoria de Policial do *Correio da Paraíba* tinha, entre os repórteres, uma figura jocosa que se tornou o principal camarada de Hilton na redação. Humberto Lira, que permaneceu como repórter policial durante toda a sua vida profissional, de cerca de quatro décadas, já começou a entrevista resumindo para mim: “Eu tenho o maior prazer de falar do cidadão, do jornalista e do companheiro Hilton Gouvêa de Araújo”. Em seguida, abandonou a formalidade e soltou: “Mas como vai aquele ‘pouca telha’, portador de deficiência capilar? Você pode me repassar o telefone dele? Nós perdemos o contato”.

Ao contrário de Hilton e de outros ex-colegas que envelheceram e ficaram carecas, Humberto, aos 75 anos, ainda ostenta uma densa cabeleira grisalha. Deve ser por isso que gosta tanto de fazer brincadeiras com os que não tiveram tal sorte.

Outra curiosidade é que, apesar da idade e de ser chamado carinhosamente de “vovô” pelas gerações mais novas de repórteres, ele parece ser bastante inteirado nas tecnologias e ter gostos joviais. Participa de grupos de conversa no Whatsapp, sabe mexer em computador, é twitteiro... Mas o detalhe mais engraçado foi que, nas duas vezes que liguei para falar com ele pelo celular, o toque de chamada não era aquele “tuuu... tuuu...” padrão enquanto esperamos a outra pessoa atender a ligação. Parece que

Humberto contratou o serviço de som de chamada da sua operadora móvel, e quem liga para ele sempre aguarda escutando a provocativa música “Bang”, da cantora pop Anitta.

Humberto Lira me contou que gostava tanto do trabalho como jornalista que, mesmo aposentado há cerca de dez anos, continuou fazendo matérias para o *Correio*, desligando-se definitivamente apenas em 2015. No entanto, seu subconsciente não lhe deixa esquecer a paixão pela crônica policial, e ele ainda tem sonhos frequentes com o dia a dia na redação.

Natural de Umbuzeiro (PB), Humberto trabalhava para o extinto *Diário da Borborema*, em Campina Grande (PB), até os anos 1970, quando seu nome ganhou visibilidade em virtude das matérias que estava fazendo sobre um grupo de extermínio que envolvia policiais no agreste paraibano. Seu irmão Valberto Lira, atualmente procurador de Justiça do MPPB, era advogado e teria sido informado de que, se não o tirassem da cidade logo, Humberto acabaria assassinado. Fez uns contatos e arrumou um convite para o irmão vir para o jornal *O Norte*, em João Pessoa, sem saber das ameaças. Tempos depois, Valberto lhe revelou que não havia contado nada porque conhecia a personalidade valente que iria tirar satisfações, em vez de se proteger.

E tinha razão. Humberto Lira andava armado, como a maioria dos repórteres policiais da época. Ele costumava alertar aos atrevidos, até mesmo quando o desentendimento era com os

colegas de redação: “Não brinca comigo que eu tenho um pau de fogo, visse?”.

Na virada para os anos 1990, Jorge Rezende, que tinha entrado como revisor e era das primeiras turmas de repórteres com formação universitária, estava se misturando aos jornalistas forjados no batente e se lembra da fisionomia de Humberto na redação do *Correio*. Sem a menor cerimônia, ele tirava o revólver da cintura e o colocava de lado, a fim de trabalhar mais confortavelmente. Parecia um policial, não um repórter.

“Hilton também andava armado?”, perguntei, curiosa. Jorge disse que não se recordava de uma cena específica. No entanto, o próprio Hilton me confirmou, posteriormente, que tinha uma arma sim, em virtude das ameaças que, vez ou outra, recebia.

E ele tinha razão para se preocupar, muito devido à postura destemida de se jogar nas coberturas e não medir o perigo. “Hilton tem esse negócio: quando ele cisma de fazer uma matéria que tá na mente dele, vai atrás, onde for, escavaca até levantar os dados. Ele é um cara muito esforçado, inteligente, investigativo e criativo... Se ele tivesse se dedicado exclusivamente à área policial, ele seria um José Louzeiro, ou o Tim Lopes da Paraíba”, elogiou Humberto Lira.

Tião Lucena se lembra, por exemplo, de Hilton Gouvêa chegando no jornal à meia-noite, fora de qualquer expediente, para pegar o carro da redação e ir ao sertão coletar informações

para uma matéria que acabara de conceber. “Ele tinha aquela sede que eu não tinha e que outros não tinham”, afirmou.

Jorge Rezende também conta que, inexperiente e apenas com um diploma na mão, teve a figura de Hilton como um exemplo de atitude de um bom jornalista: “Eu te confesso um negócio que talvez nem ele saiba, eu nunca falei pra ele... Eu discordava de um monte de posicionamentos dele, mas eu o observava muito e eu me espelhava muito na forma como ele se preparava para fazer uma reportagem, no entusiasmo dele”.

Seu irmão Milton Júnior, conhecedor dessa faceta investigativa de Hilton desde muito jovem, concluiu que ele encontrou, no jornalismo, uma forma de se realizar como “uma espécie de detetive”. O colega de jornalismo Chico Pinto também concorda: “Ele gostava de investigar os casos mais misteriosos”.

Percebendo a gana do repórter, os editores colocavam muitas matérias complicadas em suas mãos. Foi o que aconteceu no chamado “Caso Abiaí”, mencionado por Hilton como sendo uma de suas grandes investigações na editoria policial. Segundo achei registrado em matérias antigas do jornal *Correio da Paraíba*, no fim do ano de 1989, quatro caçadores de animais, sendo um deles também policial, estavam em uma mata nas proximidades do Rio Abiaí, em Alhandra (PB), quando foram assassinados. Em seguida, os administradores da fazenda onde o crime ocorreu foram tidos como desaparecidos.

Hilton Gouvêa conta que, colhendo informações e acompanhando o desenrolar do caso, presumiu que a dupla, que figurava como suspeita do crime, tivesse sido executada por um grupo de policiais, como vingança pela morte do colega. O repórter pessoense foi até Goiana (PE) e descobriu que alguns cadáveres haviam sido desovados e enterrados como indigentes em uma cova coletiva no cemitério local. Ao chegar com a informação para o delegado, o responsável pela investigação mandou exumar os corpos, e uma das mulheres das vítimas reconheceu uma peça de roupa do marido, enquanto um molho de chaves, junto ao segundo corpo, coube perfeitamente nas fechaduras da residência da vítima, quando a perícia fez o teste.

O que se descobriu é que os administradores da fazenda foram torturados até a morte para que confessassem o crime. Com a divulgação das informações, dezenas de policiais e delegados foram presos e levados a julgamento, anos depois.

Perguntei a Hilton se ele não tinha medo de mexer com casos tão sérios, e o jornalista me respondeu que não, que sempre pautou seu trabalho na área com um enorme senso de justiça.

Nesse sentido, Chico Pinto assegurou: “Ele contrariou os interesses de muita gente importante. E ninguém nunca o processou, porque ele se documentava bem antes de dar a informação. Os donos dos jornais é que, às vezes, até o censuravam, por amizade com os envolvidos”.

O gringo argentino no Porto de Cabedelo

Era um domingo, há 23 anos, e Hilton Gouvêa conquistava mais uma manchete na capa do *Correio da Paraíba*: havia descoberto um esquema de centenas de mulheres, em sua maioria, menores de idade, que se prostituíam no Porto de Cabedelo.

No primeiro dia que falamos sobre alguns dos casos de destaque em sua trajetória profissional, ele logo se lembrou de um misterioso sequestro que o fez chegar até essa cobertura especial. Hilton conhecia uma senhora de família humilde, mãe de uma menina que havia desaparecido da cidade de Cabedelo, por volta de 1993 ou 1994. A mulher acabou revelando que, na verdade, o suposto desaparecimento se tratava de mais um caso de exploração sexual.

“Não faz muito tempo, um navio russo levou três menores para um ‘passeio’ e as desembarcou no Porto de Paranaguá (PR), saindo tranquilamente das águas territoriais brasileiras sem que sua tripulação fosse incomodada pelas autoridades”, narra o jornalista, na reportagem publicada no dia 24 de abril de 1994.

O início da matéria descreve que o apito dos navios que se aproximam do Porto de Cabedelo tinha se tornado sinônimo de faturamento para algumas moças da região, as quais viam a prostituição como atividade viável para se manterem

financeiramente e ajudarem suas famílias. A possibilidade de ganhar em dólares (cerca de US\$ 200 por noite) era muito atrativa para as jovens que, segundo o jornalista, não tinham muitas perspectivas de emprego.

Hilton Gouvêa logo ativou o faro com aqueles relatos e decidiu ir atrás do fato acompanhando a rotina na cidade portuária: “Passei três dias e meio em Cabedelo, observando o movimento. As garotas me olharam várias vezes, sentado num barzinho ao lado da Praça Getúlio Vargas”.

Foi devido a um comentário de outro observador da área que ele entendeu como funcionava o esquema: após contato com os brasileiros ou estrangeiros interessados, as jovens entravam nos navios através da ajuda de outras pessoas, que eram contratadas para as levarem, em um barquinho, até o lado oposto da embarcação. A atividade teria começado com a chegada de mulheres de capitais próximas – como Recife (PE), João Pessoa (PB) e Natal (RN) –, “que enxergaram o filão e ensinaram as manhas do ofício às garotas nativas”. Como a entrada nos navios era proibida, só restava às invasoras flagradas alegarem que estavam a bordo para lavar roupas ou realizar algum outro serviço.

Rapidamente, Hilton chegou a outra descoberta: o esquema era hermético e só havia aproximação com as moças se o pretendente soubesse algum sinal combinado no cais, ou se elas próprias se interessassem e viesssem falar com ele. Sendo assim, o

único jeito foi adotar uma tática usual na história das coberturas jornalísticas: assumir um disfarce.

“Nem estavam aí. E com razão: eu não parecia um gringo endinheirado. E também pouco sabia das *señas del puerto*, aqueles sinaizinhos que os gringos fazem, quando estão a fim de uma mulher. Paguei a um garoto [...] e mandei espalhar que eu era um gringo argentino, à cata de programa”, contou aos leitores.

A mentira resultou no objetivo pretendido, conforme ele relata na matéria: depois que a informação chegou aos ouvidos interessados, repentinamente, três meninas vieram à mesa onde ele estava e se sentaram. Foi aí que a simulação teve que se tornar mais crível, e Hilton incorporou o personagem – e começou a arranhar o seu melhor portunhol.

“Para mim, todo argentino, seja de Buenos Aires ou de Córdoba, sempre fala da mesma maneira. Arrisquei: *Usted habla español? Si*, respondeu M., sem pestanejar. *Cerveza?* Novamente um *sí*, agora em três vozes. *Hermanas?* Ouvi um não, também em três vozes, desta vez em português”.

Espertamente, as garotas logo raciocinaram que se tratava de um fingimento, talvez uma piada, uma “tiracão de onda” com a cara delas, até porque não havia nenhum navio argentino atracado por aquelas bandas. Mesmo que houvesse a possibilidade de o sujeito não ser um marinheiro, mas sim um turista, a história cairia por terra porque elas sabiam que o máximo que renderia de um

passeio na cidade seria uma visita ao Forte de Santa Catarina, ali pertinho, a quinhentos metros de distância do Porto, mas com mais potencial turístico do que o serviço de carga e descarga de produtos.

Apesar de, na hora em que sacou a credencial e se apresentou como jornalista, ter assustado as garotas, Hilton conseguiu negociar e obteve informações preciosas sobre o esquema de prostituição. “[...] minha brincadeira, em termos de pesquisa, valeu”, diz no texto.

Sem tirar fotos nem identificá-las na matéria, ele contou detalhes da situação e também das vidas delas. Uma das meninas revelou, por exemplo, que recebia mensalidade cativa e muitos presentes de um filipino. “A família sabe de tudo e consente que A. leve seu ‘noivo’ em casa. Quando o navio do filipino só chega até Recife ou Salvador, o admirador de A. telefona e manda a passagem para que ela vá encontrá-lo. Uma dessas viagens ocorreu de avião, porque o navio ia sair no dia seguinte”, relata na reportagem.

Remexendo jornais – e com alergia a pó

“[...] *criar é literalmente arrancar com esforço bruto algo informe do Kaos*”.
(Caio Fernando Abreu, prefácio de Ovelhas Negras)

Para conseguir muitas dessas informações, e confirmações das informações, tive que pedir autorização e vasculhar os jornais antigos. As empresas de comunicação daqui não dispõem de hemerotecas digitalizadas, o que complicou um pouco minha vida.

Mas o que motivou mesmo essa vasculha foi a necessidade de apuração de um fato específico: o atentado que Hilton teria sofrido em virtude de uma cobertura jornalística. Na descrição na orelha do seu único livro lançado, conta-se sobre o autor que, “em 1994, levou um tiro e várias coronhadas na porta do jornal *Correio da Paraíba*, isto porque investigava uma gangue que roubava carros em João Pessoa, apoiada por um juiz”.

Na minha primeira ida ao jornal *Correio da Paraíba* para tratar sobre a pesquisa, em fevereiro de 2017, o objetivo era conseguir autorização por escrito para acessar os arquivos físicos do periódico. Só dispunha de uma informação principal: o ano em que a agressão a Hilton Gouvêa ocorreu.

“Mas você não se lembra da data, pelo menos do mês?”

“Faz muito tempo, não me lembro não”, saiu-se ele na conversa inicial que tivemos, em meados de 2016.

Não sei insistir, escavacar. Se Hilton disse que não se lembrava, na minha cabeça só restava o caminho mais difícil: olhar todas as edições do *Correio* de 1994. Disse-me que eu encontraria matérias e fotos dele ensanguentado, pois, obviamente, o atentado ao repórter teve repercussão no impresso onde ele trabalhava.

Subi os degraus na entrada daquele mesmo prédio de vinte e poucos anos atrás, localizado na esquina da Avenida D. Pedro II com a Avenida Tabajaras, no centro de João Pessoa. Do lado esquerdo de quem está entrando, uma linotipo preservada compõe o paisagismo da fachada do imóvel, juntamente com algumas espécies de plantas. Apesar das placas proibitivas, parece que alguém andou pisando na grama dos canteiros laterais, porque ela estava seca, maltratada, em algumas partes do chão, inexistente.

“Tem alguém lá fora querendo falar com você. É sobre umas matérias do jornal”, avisou o vigilante.

“Tudo bem, diga que eu já vou”.

Chovia, e o piso escuro e derrapante obrigava a manter a cabeça sempre baixa, para não correr o risco de escorregar e cair. Antes que fosse possível tomar qualquer atitude, uma figura franzina saltou de trás da linotipo.

“Vosssê me conhece? Vou matar vosssê, filho da puta!”.

Nem deu tempo de raciocinar o porquê da frase, vieram as coronhadas e o tiro de raspão. Apagão. Não sei em que ponto exato daquele piso molhado Hilton se desequilibrou e caiu.

Sei que ele estava ali na recepção do jornal esperando Humberto Lira para tomarem o café de fim de tarde no Mercado Central, que fica no quarteirão ao lado. O colega estava resolvendo uma pendência na redação e, quando passou pela roleta na saída, foi avisado pelo vigilante de que um sujeito havia chamado Hilton para conversar e tinha acabado de agredi-lo.

Humberto conta que saiu em disparada, já colocando a mão na cintura. “Eu ainda o vi passando dentro de um carro verde, na altura do semáforo, mas percebi que tinha deixado meus dois revólveres na redação”, disse o repórter policial. Ele então se voltou para socorrer Hilton, que foi colocado para dentro do prédio enquanto os colegas providenciavam o carro da redação para levá-lo ao hospital mais próximo.

Hilton só voltou à plena consciência mais tarde, já em uma maca na emergência do Hospital São Vicente de Paulo, no bairro de Jaguaribe. Teve um afundamento no osso do crânio e levou onze pontos na cabeça, o que o afastou do trabalho por 30 dias.

A ligação que me pareceu mais próxima dos fatos, confrontando as versões que ouvi, foi de que o sujeito que agrediu Hilton tinha se incomodado com uma matéria publicada um dia antes, na edição de domingo do *Correio da Paraíba*, na qual era

citado como parceiro de um criminoso que aterrorizava a população do bairro Padre Zé. O agressor ainda seria conhecido na cidade por fazer cobranças e ameaças de morte em nome de um juiz, que também fora objeto de denúncias do jornal envolvendo sua participação em um esquema de roubo e “esquentamento” de veículos, com ramificações em todo o Nordeste.

“E o que é isso, Hilton?”, perguntei, no momento da primeira entrevista, já que não tinha o *Google* para me auxiliar com a explicação dos termos, e a vergonha usual me faria perder o entendimento da história lá na hora.

“É quando alteram a identificação e criam documentos falsos para recolocar carros roubados em circulação”, ele me explicou mais ou menos assim.

Digo “mais ou menos” porque Hilton foi o único participante da pesquisa que, apesar de assinar o termo de consentimento, não me autorizou a gravar as entrevistas. Ele me alertou que, especificamente sobre essa situação, tratava-se de um assunto problemático porque envolvia pessoas que não tinham sido condenadas, sequer levadas à Justiça. Todos os diálogos com ele, portanto, foram reconstruídos com base nas anotações que eu ia fazendo à mão, conforme ele falava.

De posse do outro termo autorizando a vasculha nos arquivos do *Correio*, comecei a ir, no turno da tarde, depois do meu expediente de trabalho, para um imóvel na rua lateral do

Sistema Correio. Uma casinha branca, logo após o Sebo Cultural, na Avenida Tabajaras, é usada como anexo da empresa e lá fica o pessoal dos Classificados Correio. Também é onde foram depositadas as dezenas de estantes que comportam, até o teto de um dos minúsculos cômodos, os livros encadernados mensalmente contendo as edições do jornal *Correio da Paraíba*.

Dona Silvanira Dantas era a arquivista responsável e me conduziu da recepção no prédio principal até o pequeno *hall* logo na entrada da casinha anexa. Muito calada, ela apenas informou que eu poderia ficar no local, com o acompanhamento de Raquel (uma jovem aprendiz do setor, com jeito de adolescente), até por volta das 16h30, quando ela retornaria para fechar as salas. Perguntou que cadernos de que datas eu queria, e informei que ia ter que olhar jornal por jornal desde o dia 1º de janeiro de 1994, já que não sabia o dia exato nem o mês em que o fato tinha ocorrido. Ela foi lá dentro, pegou os encadernados de janeiro e fevereiro, colocou no birô com tampo de vidro perto da porta e retornou para sua sala. Raquel me ofereceu ajuda, mas, como só eu sabia o que procurar, ela se sentou e ficou lá de molho, mexendo no celular.

Já nas primeiras páginas folheadas, senti-me uma tremenda sortuda: na edição de 4 de janeiro de 1994, uma terça-feira, encontrei na capa uma chamada que falava na prisão de uma gangue de sucateiros. A quadrilha era acusada de roubos, desmontes e adulterações de chassis de automóveis. No jornal do

dia seguinte, outra manchete sobre o caso: ““Gang da sucata” entrega 70 documentos roubados”. Conforme a apuração que consta na matéria, tratava-se realmente de um grupo de alta periculosidade com ramificações em todo o Nordeste. Notícias posteriores continuavam citando esquemas de desmonte de carros, alertando para o fato de que figurões seriam acusados de liderar uma quadrilha interestadual de “puxadores”. Uma busca no *Google*, à noite, me ajudou a entender melhor o termo que eu nunca tinha ouvido falar, mas que era bastante utilizado na época: “puxador” é o criminoso que rouba o carro e o leva para a sucata ou a oficina onde ocorre a separação das peças e a adulteração das informações do veículo.

Comecei a me empolgar por acreditar que estava diante da cobertura que Hilton Gouvêa e outras fontes haviam sinalizado como sendo relacionada ao atentado que ele sofreu na frente do jornal, em 1994. No entanto, chegando no mês de fevereiro, apareceram as primeiras incoerências: algumas notícias davam conta do julgamento de um procedimento administrativo contra o juiz, que, segundo o jornal, já estava afastado de suas funções desde o primeiro semestre de 1993. O motivo, conforme os textos, seria realmente sua associação com ladrões de carros.

Ainda na semana em que comecei a vasculhar os arquivos do *Correio*, uma alergia respiratória me obrigou a suspender por alguns dias a pesquisa. Em dado momento, mãos, cotovelos e

dorso dos pés começaram a coçar e a apresentar vermelhidão. Meu namorado foi quem primeiro associou os sintomas à causa: os ácaros dos jornais. Mais adiante, começaram a surgir bolhas semelhantes às de queimaduras, que estouraram e deixaram as áreas na carne viva, me impedindo até de dobrar os braços por vários dias.

Lição nº 1 quando se mexe em jornais guardados há mais de 20 anos: proteja-se. No retorno depois do tratamento e da cicatrização das feridas, armada com máscara para poeira, luvas de látex, blusa de mangas compridas e calça, fui freada por Dona Silvanira, que disse que estava com muito trabalho e não podia mais deixar sua única assistente ao meu dispor.

Foram algumas semanas de desespero e ligações até que a secretária da Diretoria de Jornalismo do Sistema Correio, Penha Higino, negociou um local para que eu concluisse a vasculha dos jornais daquele ano.

A redação. Lá e de volta outra vez⁹.

Uma janela para a redação

*“Um coração que está cheio como um aterro
Um trabalho que lentamente mata você
Hematomas que não vão cicatrizar”*

*Você parece tão cansado e infeliz
Abaixo o governo
Eles não falam por nós
Eu vou ter uma vida tranquila
Um aperto de mão de monóxido de carbono
Sem alarmes nem surpresas, por favor”.*

(*Radiohead, tradução livre de No Surprises*)

Apesar da formação acadêmica, em 2011, ao longo da vida só tive dois breves contatos com o trabalho em uma redação de jornal. O primeiro foi indiretamente, quando eu estagiava na assessoria de imprensa do Ministério Público do Trabalho (MPT), sob a batuta da jornalista Gisa Veiga, e ajudava na elaboração dos textos e na diagramação da página semanal que o órgão tem até hoje no *Correio da Paraíba*. Quando tínhamos algum problema e não conseguíamos enviar o material pela internet, eu passava lá para deixar um pendrive e/ou pedir socorro aos diagramadores.

Assim que me desliguei do estágio, com menos de um mês de formada, minha ex-chefe me indicou para uma vaga no caderno de Cidades do extinto *Jornal da Paraíba*. Fiquei sabendo que era o que tinha o trabalho mais “tranquilo”, duas pautas por dia e uma reportagem semanal. O que descobri nos poucos dias de prática foi: redação e tranquilidade não coexistem. Nunca conseguia terminar as matérias em cinco horas de trabalho, fontes não

atendiam, assessorias não respondiam, o editor passava o dia de cara fechada me mandando refazer os textos, sentia-me burra e incapaz... Voltava para casa já no início da noite, desanimada, sem apetite, caía na cama para, no dia seguinte, enfrentar tudo de novo.

Em uma semana, esmoreci: gastrite nervosa, tremedeira, insônia, choro, desespero. Tive que reconhecer que aquela rotina não era para mim, eu não tinha o ímpeto do repórter desbravador que caça um leão por dia. Liguei de casa para a chefia e expliquei que não tinha condições, que estava meio doente e não ia continuar. Devo ter agradecido a oportunidade e blá blá blá...

A alternativa foi segurar as pontas fazendo bicos como revisora de textos enquanto estudava para concursos públicos, em busca do tal do serviço burocrático e estável, sem grandes surpresas. Eu realmente gosto do universo dos releases, press-kits, clippings, mailings e do trabalho metódico de uma assessoria de imprensa. Entretanto, quando fui convocada e comecei a trabalhar no setor em uma casa política, outros conflitos que eu não previra foram surgindo, dessa vez muito mais de cunho ideológico do que prático. Foi nesse contexto que os ansiolíticos entraram na minha vida, e, quando nem eles davam mais conta das frustrações, depois de muita resistência, foi a vez da terapia. Lá eu comecei a descobrir que havia muito mais lixo debaixo do tapete da minha vida do que aquilo que eu estava enxergando.

Acontece também que, por causa daquelas curtas experiências, eu não guardava boas memórias de um trabalho em jornal. A tensão atual com a busca das notícias sem data também não me ajudava. Sempre que tocava em questões como essas, não apenas envolvendo trabalho ou mestrado, mas lembranças e experiências que eu tinha como negativas na vida como um todo, o psicólogo me explicava uma técnica que eu entendi como sendo fundamental na terapia cognitivo-comportamental: a reestruturação dos pensamentos. Eu devia tentar dar novas nuances ao que vivia, ressignificar o que já estava enraizado e negativamente gravado.

Por causa da indefinição de como eu continuaria acessando os arquivos do *Jornal Correio*, só consegui voltar para a vasculha no fim de abril de 2017, em uma salinha de poucos metros quadrados que fica em frente à copa da redação do *Correio*, logo depois de descer as escadas e chegar ao porãozinho no prédio principal da empresa. Dona Silvania trazia os encadernados de que eu precisaria no dia e deixava em uma mesa alta, embaixo de uma pequena janela que me dava a visão dos repórteres trabalhando. Na parede na outra extremidade da sala, atrás de mim, havia três mesas com computadores, das quais duas eram ocupadas por um fotógrafo jovem, de barba negra e espessa, com um jeitão de rockeiro hardcore, e pela outra arquivista da empresa,

Janieire Prazim, que, hoje em dia, faz o serviço digital para o jornal já modernizado.

Conforme eu avançava nas edições de 1994, fui suspeitando cada vez mais que o atentado à vida de Hilton não tinha acontecido naquele ano, porque, apesar da grande quantidade de matérias envolvendo esquemas de roubo e desmanche de carro, o caso do juiz já se desenrolava há algum tempo e, segundo as reportagens, seu julgamento estava marcado para o fim do ano. Segundo outra matéria que encontrei posteriormente no acervo do *Jornal do Commercio*, publicada em 1998, o procedimento administrativo que tramitava em 1994 acabou resultando na aposentadoria compulsória do magistrado.

O jornalista Adelson Barbosa, que atualmente cobre a área de política do *Correio da Paraíba* e também era da turma de repórteres do jornal na época do atentado, foi um dos vários contatos que abordei na tentativa de identificar o período em que a agressão a Hilton Gouvêa ocorreu. Ele também não se lembrava. Em um dos dias em que me viu na salinha perto da redação onde ele trabalha, despretensiosamente veio conversar, ligou para um, ligou para outro, tirou os colegas de suas atividades para tentar me ajudar com a data, ou pelo menos confirmar o ano. Tudo em vão. Não havia rastro certo que eu pudesse seguir.

Imbuída daquele espírito investigativo que eles demonstravam ter quando farejavam um mistério, e também

querendo bancar a corajosa e comprovar minha capacidade como repórter, ainda acreditando que podia citar nomes e detalhes nesta reportagem, continuei perguntando às pessoas sobre o fato e recebi conselhos de que não me envolvesse demais com a história.

Fui atrás da ajuda de um amigo advogado para saber se seria possível ter acesso aos processos antigos, aos quais eu nem sabia como chegar. Me imaginei como a personagem de um filme, entrando, com um parceiro com registro na OAB, em arquivos poeirentos e esquecidos, onde haveria algum documento precioso.

“Sabe o número do processo? Onde ele tá? Outra coisa: você sabe se tem bronca? Não me vem com série criminal não, se tiver gente grande envolvida, e a gente aparecer boiando por aí...”, foi o resumo da nossa conversa, que começou a me assustar e a me deixar realmente com um pé atrás.

Em dado momento, alguém me sugeriu que o Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba (Sindjor-PB) poderia ter guardado algum registro sobre o caso. Conseguí uns telefones na internet e falei com Rafael Freire, da atual diretoria:

“Eu conheço Hilton sim, mas não tenho como te dar informações sobre essa história porque estou no Sindicato há oito anos, não estava na época em que isso aí aconteceu. Talvez Land Seixas tenha como te dar algo, era ele quem respondia pela diretoria na época. Vou te passar o contato”.

Entrei imediatamente em contato com Land Seixas, que me respondeu por mensagem de texto no dia seguinte: “Infelizmente não tenho esse registro, amiga. Lembro do episódio. Cena lamentável, mas o próprio Hilton não quis levar o caso adiante, não quis repercussão sobre a agressão. Acho que estava abalado, pois o seu agressor era um criminoso muito perigoso”.

Hilton Gouvêa me contou que realmente não deu continuidade à queixa, inclusive porque uma situação muito estranha aconteceu pouco tempo depois do episódio da coronhada. Uma de suas filhas mais velhas sofria de feocromocitoma, uma doença que atinge as glândulas renais e, entre outros problemas, causava-lhe desmaios repentinos. Em um desses colapsos, ela estava na rua e foi socorrida por um desconhecido. Quando Hilton foi avisado por sua esposa e chegou ao hospital, descobriu que o pedestre que as havia ajudado era justamente o seu agressor.

Dias depois, outro criminoso veio falar com ele em nome do homem, pedindo que não o denunciasse. Hilton, com o osso do crânio afundado até hoje, lembra que não lhe restou alternativa, pois, ao contrário do que me informou o diretor do Sindjor-PB, o repórter reclama que não teria recebido apoio efetivo, nem do órgão de classe, tampouco da diretoria do jornal onde trabalhava, para poder levar o caso adiante com mais segurança, inclusive no que dizia respeito à integridade da sua família.

Chico Pinto também foi enfático ao afirmar que “o *Correio da Paraíba* foi covarde com o episódio, porque não publicou quase nada sobre o fato e nem teve pulso para colocar o fato pra frente, processar o cara. Foi uma agressão a um profissional da imprensa quase dentro da redação”.

Quanto a mim, sem processo criminal a vasculhar na Justiça, sem registro preservado no setor de Recursos Humanos do jornal nem no Sindicato, só via a opção de continuar na saga nos arquivos poeirentos, fuçando todas as edições do *Correio* de 1994.

Na última semana de vasculha, no meio de uma conversa com os profissionais que me faziam companhia na sala perto da redação, comentando sobre a dúvida em relação a citar ou não os nomes dos envolvidos, primeiro veio a opinião do fotógrafo hardcore: “Mas ora, tem mais é que citar os nomes, escancarar tudo mesmo!”. Depois, outro conselho da arquivista Janieire me pareceu mais sensato: “Querida, é melhor ser um covarde vivo do que um cadáver corajoso”.

Ela citou que conhecia Hilton Gouvêa de um período em que trabalhou em *A União*, mas não teve tanto contato com ele a ponto de me dar informações reveladoras sobre meu personagem. “Era mais o encontro na hora do almoço; ele sempre me pareceu muito sério e na dele”.

Comentei que estava me sentindo muito perdida com relação àquele serviço com os jornais antigos e que não sabia mais

a quem recorrer. “É triste, né? Hilton me disse informações muito precisas sobre vários questionamentos que fiz, mas, justamente se tratando de uma coisa tão relevante, não lembrou nem o período do ano em que ocorreu”, desabafei.

“Você também tem que entender, lindinha, que, além de fazer muito tempo, Hilton deve estar em um momento tranquilo da vida e pode nem querer correr o risco de estragar isso. Tome cuidado, pelo seu bem e pelo bem dele. Como você me contou, ele tem uma família, tem filhos pequenos. Não é só questão de barrar ou omitir informação, mas de zelar pela segurança de todos os envolvidos, de se resguardar. Ainda que essas pessoas já tenham falecido, sempre tem algum parente ou alguém envolvido que pode se ofender com a citação e querer tomar satisfações. Na Justiça ou de outras maneiras”, disse-me Jane com toda a doçura.

“O que aconteceu agora há pouco, aqui na sala, é um exemplo de como o mundo pode ser muito pequeno”, disse ela, e nós duas começamos a rir lembrando de uma situação inusitada e constrangedora. Parece que redação tem dessas coisas, você sai de um assunto sério para a algazarra sem perceber.

Uns 15 minutos antes, Adelson Barbosa tinha entrado mais uma vez na salinha para conversar sobre o andamento da pesquisa e começou a remexer os jornais comigo.

Olha, fulano, vem cá, sicrano, Adelson, vê se meu nome tá aí em alguma matéria no caderno de Cidades, eu acho que isso foi

em 1989, ou foi em 1984? não, pô, 84 foi o assassinato de Paulo Brandão, sócio do jornal, eu também trabalhava na época de Hilton, não, certeza que isso não foi antes de 1994, eu comecei no jornal no meio de 1994 e me lembro dele entrando aqui com a cabeça sangrando, vê na edição do dia 24, não, eu vi umas matérias do fim do ano, novembro, deve ter sido, isso é serviço de guerra, coisa pra detetive, Adelson passando com aquela brutalidade masculina as páginas e eu só pensando que podia rasgar, ia rasgar, levei luvas e a mão suava por dentro do látex, segurava com dificuldade na pontinha da folha pra não estragar, podem reclamar, mas com ele não, ouvi um “rasc” agora, minha nossa, isso é material histórico, hahahahaha, volta aí, como é mesmo o nome dessa velha? chefia ligou pedindo pra diminuíssem o tom, que as risadas estão chegando na sala ao lado, ah, é anúncio de missa de trinta dias, como é que a pessoa tinha um nome desses? hahahahaha, eita, cadê? deixa eu ver a foto, era a minha avó.

Pausa dramática na salinha com oito pessoas que foram entrando e ficando espremidas ao redor da mesa, e que naquele momento começaram a ensaiar os sorrisos amarelos. Um rapaz de uns 20 anos, pele muito branca, camiseta preta, calça jeans e tênis, tinha saído da redação curioso com a animação e, de repente, ouviu um nome familiar.

“É ela sim, foi assassinada nesse ano de 1994. Uns ladrões invadiram a casa e roubaram só um liquidificador, depois a mataram”, explicou.

“Tira uma foto da página! E vai atrás do jornal do mês anterior que deve ter a notícia, pô!”, saiu-se o insensível Adelson.

Depois que o grupo se dispersou e voltamos a ser só eu e Jane no cômodo, ela me alertou: “Eu trabalho aqui nesta mesma sala há anos, e é a primeira vez que esse menino, que parece muito tímido, entra aqui para interagir. Você podia estar vasculhando os jornais de qualquer mês ou ano, mas foi exatamente o do dia em que a família dele mandou publicar esse anúncio sobre a morte da avó. Veja como as coisas ao nosso redor são incontroláveis”.

Todo aquele papo sobre assassinatos, jornais antigos e sobre se resguardar me fez voltar para casa naquele fim de tarde lembrando da história da morte do meu pai. Tive vontade de inventar uma história qualquer no dia seguinte e pedir para dar uma olhada nos jornais de outubro de 1991. Só não o fiz porque fiquei pensando se seria antiético usar da pesquisa para conseguir informações de interesse pessoal e, principalmente, porque tinha medo de cair no choro quando encontrasse aquelas matérias. Melhor não mexer no que está adormecido em meio à vida cotidiana.

Depois de passar pelas mais de 300 edições do *Correio da Paraíba* publicadas em 1994, minha pior previsão se concretizou:

não havia naquelas páginas nenhuma notícia sobre agressão a Hilton Gouvêa. Combinei com Penha Higino que só voltaria lá para vasculhar mais jornais se descobrisse uma data aproximada, porque não tinha mais tempo suficiente para continuar o trabalho insano de pesquisar todos os arquivos de 1995 e sabe-se lá mais de quantos anos.

Também já era tempo de voltar a falar com Hilton, mas eu precisava criar coragem...

Seis meses antes

“Redação de *A União*. Bom dia.”

“Oi, bom dia. Eu queria falar com Hilton Gouvêa.”

“Ele está no horário de almoço.”

“Sabe me dizer de que hora ele volta?”

“Deixa eu ver... acho que daqui a uns trinta minutos.”

“Tudo bem, também vou almoçar agora e ligo quando voltar. Obrigada!”

[...]

“Redação de *A União*. Boa tarde.”

“Oi, eu queria falar com Hilton Gouvêa.”

“Um momento.”

Conversa de fundo: “Hilton? Hilton? Fulano, tu sabe de Hilton? Ah, tá. Alô. Ele já foi embora.”

“Certo, você pode me informar até que horas ele fica aí na redação?”

“Geralmente é até as 13h.”

“Tá. Amanhã eu ligo de novo. Obrigada!”

[...]

“Redação de *A União*. Bom dia.”

“Bom dia! Eu gostaria de falar com Hilton Gouvêa...”

“Um instante.”

Ao fundo: “Hilton!”

“Hilton Gouvêa falando.”

“Oi, Hilton! Aqui é Érika Bruna, do mestrado em jornalismo da UFPB. Eu fui aí no jornal faz alguns meses, para apresentar meu projeto de pesquisa sobre sua trajetória profissional, está lembrado?”

Ele me disse que sim, mas, quando falei que pretendia dar continuidade às entrevistas para elaborar o material, veio o susto: Hilton disse que não tinha gostado do que haviam falado dele naqueles papéis que deixei com ele no nosso primeiro encontro. Eu tinha feito a ligação de dentro da sala da assessoria onde trabalho, porque achei que seria uma rápida marcação de encontro, e me vi ali de pé, atônita, com o telefone na mão e sem entender o que tinha acontecido. Lembro de ter ouvido algo sobre

doutores e sobre não admitir julgamento de quem não sabe fazer jornalismo. Foi aí que eu me percebi no meio do conhecido fogo cruzado entre o mercado e a academia.

Digo no meio porque eu realmente estava com um pé em cada mundo, fazendo um trabalho de reportagem jornalística para apresentar no ambiente acadêmico, sem estar efetivamente em nenhum dos dois. Fui tentando entender o que o havia incomodado, e chegamos a uma passagem específica do meu projeto de pesquisa em que mencionei que o texto de Hilton sobre carcinocultura trazia “informações pessoais de pouca relevância para o tema”. Esse trecho vinha dentro da explanação sobre recursos típicos do jornalismo literário para humanizar os personagens da matéria, juntamente com o uso de figuras de linguagem, o cuidado com os diálogos e a ausência de fontes oficiais.

Marcamos um encontro para a manhã do dia seguinte e consegui lhe explicar, na mesa de reuniões de *A União*, que aquilo não era uma crítica, mas um elogio ao trabalho dele, por fugir de um modelo seco de narração jornalística. Apesar da resolução do mal-entendido, acredito que ambos ficamos com um pé atrás: ele, por talvez achar que eu não fosse confiável e quisesse/pudesse desvalorizar sua carreira; e eu, porque tinha medo de ter que lidar com intervenções ou imposições ao andamento do trabalho. Combinamos que o material não sairia do âmbito acadêmico caso

Hilton não gostasse do que iria ler depois da minha defesa de mestrado à banca de professores, mais ou menos dali a seis meses.

Nesse ínterim, eu fiz o que sabia fazer de melhor: evitar retomar o assunto enquanto pudesse.

O ciclo evitativo

*“Maio já está no final
É hora de se mover
Pra viver mil vezes mais”.
(Kid Abelha, Maio)*

“Oi, Hilton! Aqui é Érika Bruna, do mestrado em Jornalismo. Queria marcar uma entrevista pra você me contar com mais detalhes aquelas informações que me disse naquele nosso primeiro encontro. Faz quase um ano e, como eu só tava ouvindo e não anotei quase nada, só me lembro de cabeça, aí queria checar pra não ter perigo de colocar alguma informação errada”.

“Ligue pra mim tal dia que a gente vê um encontro”.

Tentativas e tentativas no tal dia e nos seguintes, mas só chamava ou dava desligado. Uma noite, saí do banheiro correndo para atender meu telefone, que acusava um número desconhecido.

“Alô?”

“Alô. Quem é?”

“Quem fala?”, retruquei, já pensando que fosse engano.

“Hilton Gouvêa”.

“Ah! Oi, Hilton! Aqui é Bruna, da pesquisa do mestrado”.

“Hmm, pensei que tivesse ligado para Seu Fulano”.

“Deve ter sido o meu número que ficou registrado aí e você se confundiu”.

“É. Mas diga lá!”

“Liguei pra falar sobre a entrevista para a pesquisa. Pra gente combinar um encontro”.

“Olhe, amanhã pela manhã eu vou dar uma passada rápida no jornal. Estou de férias e só volto no dia 5 de junho”.

“Eita, amanhã é quarta-feira, dia de votação de projetos onde trabalho. Tenho que acompanhar e não posso faltar de manhã, Hilton...”

“Então a gente pode marcar outro horário na Livraria do Luiz. Ligue semana que vem que a gente combina”.

Segunda à tarde:

“Oi, Hilton! É Bruna. Podemos marcar a entrevista para essa semana? A pesquisa já está quase no fim”.

“Olhe, não vou poder porque neste momento estou me preparando para viajar com a família”.

“Certo... mas você volta quando? Pra eu me programar aqui e ligar de novo pra gente marcar o dia”.

“Na outra segunda-feira”.

“Tá bom, eu ligo então. Brigada!”

Não retornei logo na segunda por medo de incomodá-lo no fim do passeio com a família. Recomecei as tentativas no meio daquela semana, mas resultaram em mais chamadas não atendidas ou que caíram direto na caixa postal. No sábado, antes do almoço, sentindo-me muito ansiosa e sentindo a necessidade de riscar aquela pendência da lista, lá fui eu insistir um pouco mais. Ele me atendeu depois de chamar várias vezes:

“Oi, Hilton! Aqui é Érika Bruna, da pesquisa do mestrado. Queria ver um dia para aquela nossa entrevista”.

“Olhe, Bruna, acho que não vou poder lhe atender não. Estou em período de férias e, quando terminar, vou entrar em uma licença médica para fazer uma cirurgia nos olhos, não estou enxergando quase nada”.

Revivi nessa situação e em todas as ligações para os demais contatos da pesquisa o mesmo mal-estar que eu sentia na semana em que tentei me adaptar ao trabalho no *Jornal da Paraíba*, a agonia de ter que ficar ligando para as pessoas e as incomodando. No meio do desespero interior, tentei negociar:

“É que eu pretendo concluir a pesquisa dentro de um mês e precisava confirmar umas informações contigo, Hilton... Tem coisas que lembro de cabeça, bem por cima; outras se perderam”.

Aproveitei para fazer umas perguntas rápidas, mas sabia que não dava para retomar todas as histórias que ele me contou, pois demandavam tempo e eu nem teria crédito suficiente no celular.

“Olhe, quando eu saio do jornal, por volta das 13h, eu sempre vou para a Livraria do Luiz e fico lá até a hora de pegar o ônibus para Baía da Traição. Por conta do problema na visão, não tenho mais condição de dirigir, e meu ônibus sai às 17h.”

Há mais de uma década, Hilton se mudou com a atual família para o município de oito mil habitantes, no litoral norte do estado, porque considerava uma localidade mais tranquila do que João Pessoa para viver. Diariamente, ele faz o trajeto de casa até o jornal e do jornal até a sua residência novamente. De carro, o percurso de quase 90 quilômetros dura pouco mais de uma hora; já de ônibus, aumenta para duas horas.

“Ah! Ótimo, Hilton! A gente pode fazer isso na terça-feira, então? Eu saio do trabalho às 14h e lhe encontro na livraria?”

“Sim, sim.”

Façam suas apostas e confiram no próximo capítulo.

Pensando bem, vou logo dar o *spoiler*: ele não compareceu.

Voltei a ligar na terça, na quarta, no sábado, quando ele finalmente me atendeu:

“Oi, Hilton! É Bruna, da pesquisa de mestrado. Você pode falar agora?”

“É que estou voltando para casa, fui fazer a feira. Ligue pra mim daqui a meia hora”.

Retornei quarenta minutos depois e chamou até cair. Na segunda tentativa, o número passou a dar direto na caixa postal.

Perdi as contas de quantas vezes liguei para Hilton Gouvêa e algo deu errado. Lá pela sexta ou sétima vez é que comecei a imaginar se ele também estaria me evitando. Aquela ideia gerava um comportamento cíclico: eu, ansiosa e catastrófica nos pensamentos, adiava o quanto podia o contato, depois tomava coragem, mas recebia uma resposta negativa e não conseguia ressignificar a ideia de que poderia estar sendo inconveniente, ou de que não tinha assertividade para conseguir uma entrevista. Voltava a evitar a situação, depois criava coragem de novo, e por aí vai.

Já estava no nível de não aguentar mais, de ter vontade de chorar, de querer desistir. Não só da entrevista, de tudo. Para que eu fui me meter nisso de fazer mestrado, para ter que entrevistar e lidar com tanta gente?

No fim das contas, por puro perfeccionismo (também já beirando o patológico), nem da entrevista com ele eu conseguia desistir.

Espera intelectual

*“Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco”.
(Augusto dos Anjos, Psicologia de um Vencido)*

No dia em que eu tinha combinado aquele encontro que não deu certo com Hilton, saí do trabalho com 15 minutos de atraso por causa de uma demanda de última hora. Angustiada, juntei as anotações que tinha feito entre uma atividade e outra e fui caminhando célere da Avenida Trincheiras até a Galeria Augusto dos Anjos, a poucos quarteirões de distância.

Na noite anterior, eu tinha me comprometido a reescutar as entrevistas que já havia gravado com as outras pessoas e a elencar os pontos que, a meu ver, podiam passar por uma confirmação de Hilton. No entanto, como geralmente acontece quando se deixa tudo para a última hora, faltou energia elétrica na minha rua e, em pouco tempo na escuridão, sem poder usar o computador, eu capotei de sono. Acordei de manhã, de supetão, atrasada e sem o meu roteiro sobre o que perguntar a ele na tarde daquele dia.

A angústia vem, desde que eu me conheço por gente, na forma de náusea. Tanto que o livro mais angustiante que eu já li até hoje tem esse título, e o foi justamente porque cada virar de

páginas me impregnava com a familiar sensação. Naquela manhã de maio, a náusea estava voltando a ficar insuportável. Saí de casa sem tomar café e passei o dia me forçando a comer.

Há cerca de um ano, em conversas com o psiquiatra e com o terapeuta que me atendiam, descobri que a minha magreza da vida toda estava muito relacionada à minha ansiedade da vida toda também. Não é uma típica anorexia nervosa, em que a pessoa se acha gorda e se priva de comer até começar a ver os contornos dos próprios ossos. Eu, ao contrário, sempre me senti desconfortável por ser tão magra, mas não notava que isso era consequência do comportamento meio inconsciente de não comer quando me sentia angustiada, e que era algo muito frequente. Desde criança, minha mãe conta que sofria me seguindo por todos os cantos para que eu não passasse batido em alguma refeição.

Depois que entendi aquela compulsão alimentar invertida e passei a me policiar, alguns quilinhos desejados até começaram a chegar. Ao menor sinal de falta de apetite ou gastrite nervosa, em vez dos antiácidos, o melhor remédio era resolver o foco da ansiedade para conseguir relaxar.

Só que, naquela semana, a ansiedade não tinha uma causa apenas, mas várias frentes a serem atacadas. Adaptação a mudanças de chefia no trabalho, preparativos para o casamento no segundo semestre do ano, procura por apartamento, conflitos em casa e, é claro, o famigerado mestrado. A entrevista com Hilton

para amarrar as informações continuava emperrada e, para mim, era algo muito importante. Estava aflita também porque queria perguntar algumas impressões mais íntimas que poderiam incomodá-lo, e o já parco contato iria ladeira abaixo de uma vez por todas.

Entrei no beco do poeta maldito pelo lado da Avenida Duque de Caxias e, antes de passar pela porta de vidro da Livraria do Luiz, espiei para ver se Hilton estava lá dentro. Não notei ninguém com sua fisionomia e comecei a pensar se ele já não tinha ido embora devido ao meu atraso. Corri logo para indagar a um homem que parecia trabalhar no local:

“Moço, eu agendei para cá uma entrevista com Hilton Gouvêa. O senhor sabe se ele já passou por aqui agora de tarde?”

“Ele sempre vem por aqui a essa hora, mas hoje ainda não veio não. Sente e espere um pouco, ele deve estar a caminho.”

Era um lugar tão aconchegante que não foi nenhum sacrifício passar as duas horas seguintes ali. Livros e mais livros distribuídos ora em estantes até o teto, ora em ilhas ao alcance das mãos. Os móveis e o piso, ambos com textura de madeira, pareciam ter sido trocados há pouco tempo em algum projeto de revitalização do ambiente, porque eram muito modernos para um negócio tão antigo, aberto em 1979.

Deu para notar logo de cara que Hilton Gouvêa era uma figura familiar naquele ambiente. No quadro de avisos de cortiça,

em uma coluna bem no meio da livraria, havia uma página inteira do caderno Almanaque de *A União* presa nas pontas por quatro percevejos de metal. Era uma de suas matérias de resgate histórico que tantas pessoas ainda sentem prazer em ler. Essa reportagem tratava especificamente sobre a descoberta de um diário secreto do homem responsável pela Imprensa Oficial da Paraíba no governo de João Pessoa, o qual sabia de informações reveladoras sobre a morte do político paraibano, em 1930, e foi internado como louco para que não frustrasse a revolução que levou Getúlio Vargas a se tornar presidente do Brasil. Há quem diga que só continua comprando o jornal no domingo por causa de textos como esse, que Hilton produz com maestria.

Rondei a área por alguns minutos e me sentei em uma das cadeiras de couro sintético da mesa maior, fora da área da pequena cafeteria que se formava na entrada da livraria. Em uma das mesas próximas ao balcão, dois homens de cabelos grisalhos conversavam e riam. Intelectuais gostam de frequentar aquele *point* aos sábados, para interagir uns com os outros, mas também costumam dar uma passadinha por lá para um café sempre que estão no centro da cidade.

Notei que um dos homens se vestia de modo discrepante para sua idade, principalmente por causa do short de tactel com listras horizontais brancas, lilases e roxas, que combinaria mais com um surfista bronzeado. O outro, que falava com a voz

impostada, usava uma camisa polo em um tom vinho meio desbotado e uma calça social marrom. De repente, ele comentou sobre a paisagem sonora que ajudava a compor o clima do ambiente:

“Isso é que é música!”, disse, enquanto ouvíamos ao fundo “Con Te Partiró”, e começou a cantarolar acompanhando o tenor Andrea Bocelli.

Logo em seguida, vindo da porta que fica na outra extremidade da loja, um rapaz assanhado, vestido com camisa social branca de mangas longas e gravata, me abordou para oferecer um carregador portátil de celular. Como eu disse que não queria, ele foi imediatamente sacando outros itens da mochila preta: um massageador para as costas, uma lanterna com entrada USB para conectar ao notebook, um kit de CDs com jogos infantis... “Não, não, não, moço, obrigada”, respondi sorrindo, ao passo que ele saiu para a outra mesa com um olhar meio decepcionado.

Foi oferecer os produtos aos homens, que, nesse momento, já eram três. Como eles foram lhe dando atenção, logo estava esfregando o massageador nas costas do tenor nordestino, que retrucou: “É bom... Agora me diga, se eu comprar isso, quem vai passar nas minhas costas?”.

Todos riram. Em seguida, o vendedor questionou: “O senhor é o mestre Oliveira de Panelas, não é?”. Era ele sim, e não sei se

foi pelo peso do reconhecimento, mas o repentista acabou comprando o equipamento azul que custava R\$ 15. Não satisfeito, o rapaz ainda tentou lhe empurrar os jogos infantis, perguntou se ele tinha crianças em casa, mas Oliveira e os outros homens à mesa sustentaram que não queriam. Lá foi ele então aliciar a balconista do café.

Apesar de me entreter com a cena, eu continuava angustiada por causa da ausência de Hilton. Ricardo, filho do falecido Seu Luiz e atual dono da livraria, passou pela mesa e, ao me ver ainda sozinha, comentou: “Ele não chegou? É bom dar uma ligadinha, né? Vai que tenha se esquecido...”

Liguei duas vezes, mas só chamou. Àquela altura, eu já sabia que ele não viria – ou porque se esqueceu, ou porque talvez estivesse evitando as entrevistas também. Me levantei e comecei a explorar a estante de obras paraibanas, saquei um livro sobre a história de Bananeiras e voltei para a mesa para esperar um pouco mais. Um senhor de idade, que também estava passeando entre as estantes à minha esquerda, notou a foto na capa da obra e puxou conversa:

“Que livro lindo esse que você pegou!”

“É, é sobre a cidade onde eu nasci. Não sei muita coisa sobre lá...”

“Você é de Bananeiras? Ô terra boa, do clima bom, clima de montanha...”

“É mesmo, é do que mais sinto falta. Aqui é muito quente! Na verdade, eu cresci em Solânea, uma cidade coladinho com Bananeiras e que chega a fazer ainda mais frio, porque fica em uma área mais alta”.

Enquanto conversávamos, Oliveira de Panelas começou a fazer graça com uma moça que estava na mesa mais próxima da saída. Minutos depois, ergueu um pedaço de papel onde tinha improvisado um de seus repentes e começou a declamá-lo. Era sobre a moça, que não cheguei a ver porque estávamos ambas sentadas e havia uma estante entre nós.

Fiquei rindo da cena também porque me lembrei do dia de Natal em que Oliveira ligou para a nossa casa e felicitou minha mãe com um de seus repentes. Ele conhece minha mãe das atividades da paróquia católica que ele e a esposa também frequentam.

Mainha conta que, um dia, voltando da igreja, os abordou:

“Oliveira, meu marido era muito seu fã!”

“Era’ por quê?”

“Porque ele já faleceu.”

“Mas como pode, tão nova e já viúva?”

E lá foi ela contar a história do assassinato do marido advogado quando ambos tinham pouco mais de 30 anos. Oliveira de Panelas disse que se lembrava do caso, porque costumava ir à

região de Solânea para suas apresentações e houve grande repercussão nos jornais da época.

Apesar da simpatia, nunca sei se ele me reconhece quando nos cruzamos na rua, e fico com vergonha de me aproximar e puxar conversa. Permaneci observando-o de longe.

Cesário – foi assim que ouvi a balconista chamando o velhinho que puxou conversa sobre o livro e se sentou comigo – foi até a cafeteria para pedir um lanche. Voltou dizendo que o bolo baeta estava muito bonito, e eu me lembrei que desde o almoço não tinha comido mais nada. Não estava com fome, mas já tinha passado da hora de lanchar, então fui lá e pedi um suco e uma fatia também.

Oliveira soltou mais uma de suas brincadeiras:

“Não é bolo de baeta não. É de Bayeux, tá?”

Todos comentando com o bolo estava divino, e eu ali, morrendo para engolir cada pedaço. Concluída a missão, fui me encaminhando para ir embora, já eram quase 16h30 e eu queria evitar o horário de pico nos ônibus. Outro rapaz que cuidava dos livros do lado de fora da livraria comentou:

“Você tava esperando Hilton Gouvêa, é? Eu achei que ele podia não vir mesmo não, porque hoje cedo passou aqui rapidamente só para deixar uma encomenda para o irmão.”

Imprevistos

“Vamos, não chores.

A infância está perdida.

A mocidade está perdida.

Mas a vida não se perdeu”.

(Carlos Drummond de Andrade, Consolo na Praia)

“Segunda-feira é o dia em que Hilton volta das férias, e eu vou ligar para o jornal e hei de fazer plantão naquela livraria até ele aparecer”, sentenciei no domingo anterior.

Arrumei o material, separei cadernos, anotações das entrevistas com os outros informantes, só fiquei na iminência de desmarcar o terapeuta à tarde caso realmente confirmasse que Hilton estava na cidade.

Botei o pé na rua, determinada: “Hoje vou fazer as coisas darem certo, de um jeito ou de outro”. Mal cheguei na calçada vizinha, fui surpreendida por dois jovens em uma moto: “Passa a bolsa, passa a bolsa, rápido!”. Quem tem o cano frio de um revólver apontado para sua cabeça não espera um “por favor”.

Que azar. Celular, documentos, cartões, dinheiro, fora toda a vida que mulher é capaz de levar dentro de uma bolsa. Com as mãos na cabeça, só fiquei observando o vulto da moto se afastando em direção à avenida que dá acesso ao bairro de Cruz

das Armas. Voltei correndo e comecei a bater no portão, gritando por minha mãe, que saiu da cozinha em disparada.

Meu Deus, perdi tudo, igualzinho ao meu irmão no mês passado... Não! Espera! As entrevistas gravadas estão salvas na nuvem, a pasta com as anotações e autorizações continua aqui debaixo do meu braço. Então resta contatar a Polícia e começar a reparar o estrago, ligar para o trabalho, avisar às pessoas o que aconteceu e que estou bem, bloquear cartões, solicitar desativação do aparelho celular, resgatar chips, fazer boletim de ocorrência, ouvir do escrivão da delegacia que, na época da Ditadura Militar, “essa bandidagem não corria solta assim”...

Tirando um breve acesso de ansiedade que culminou com a náusea e o vômito, tudo parecia estar sob controle. Respira e pensa que você não perdeu nada demais, que está tudo bem. Nem o celular era tão caro, nem tinha muito dinheiro na sua carteira, nem você anda com bolsa de marca. Mas aí as pequenas coisas é que começam a cintilar, valiosas: um mp3 de estimação, que também funcionava como pendrive, uma nécessaire cheia de quinquilharias, um chaveiro com miniaturas da Torre Eiffel e de uma cabine telefônica vermelha de Londres, a carteira que ganhei no último Dia dos Namorados... Até a perda de um recipiente de Sorine me veio à mente, mas aí já era demais e comecei a rir da situação. Está tudo bem. O nariz resfriado não se perdeu.

Só a entrevista mesmo que não tinha condição de acontecer. Naquele dia, sem saber de nada, Hilton deve ter se sentido aliviado por não receber nenhuma ligação, pensei.

Conexões improváveis

*“Uma pequena explosão, uma fração de segundo
O metal não é nobre, é mero chumbo
[...]
Ignora carinhos, noites em claro
Ri de amores e de sacrifícios
Dos deveres de escola, dos aniversários
E declara arrogante: ‘Chegou a hora!’
Afinal é só a morte, uma notícia comum
No jornal no chão de um supermercado”.*
(Herbert Vianna, História de Uma Bala)

Foi naquela mesma semana do assalto que eu conheci Humberto Lira. Na minha cabeça cheia de problemas para resolver, eu precisava adiantar alguma coisa enquanto o encontro com Hilton Gouvêa não acontecia. Falar com o jornalista que o socorreu no dia do atentado parecia a linha mais certa a seguir.

Depois de ligar para ele do meu telefone residencial, já que todos os chips do meu celular estavam bloqueados, e de ouvir

algumas vezes a insinuante música de Anitta como o som de chamada, Humberto atendeu com sua fala meio interiorana, meio arrastada. Combinamos de nos encontrar na sexta-feira à tarde, na sede da Associação Paraibana de Imprensa (API), que fica na Avenida Visconde de Pelotas, em um prédio que faz parte do Centro Histórico da capital, quase em frente à Praça Barão de Rio Branco, onde pessoenses e turistas se reúnem aos sábados para curtir apresentações de chorinho e samba.

Cheguei quinze minutos antes do combinado e estranhei a placa preta, ovalada, com o desenho de dois copos de chopp e um nome acima da porta de entrada do imóvel: O Boteco Restaurante. “Será que é aqui mesmo?”, estranhei. Estiquei um pouco mais o pescoço para olhar para o primeiro andar, e lá estava o nome da associação integrado em alto-relevo à fachada do edifício, uma característica comum em muitos prédios antigos.

Entrei no estabelecimento e perguntei a um funcionário de rosto redondo e suado, que estava atendendo no caixa, se ali em cima funcionava mesmo a API. Ele disse que sim e saiu comigo até a calçada, para me mostrar a porta de madeira no lado direito, que daria acesso ao andar superior. Estava fechada. “Tinha gente lá dentro há pouco tempo”, disse.

Agradeci a ajuda e fiquei esperando Humberto chegar, sentada em uma das mesas perto da porta do pequeno restaurante, que já estava sendo higienizado para encerrarem o expediente. Me

levantei e fiquei um pouco na calçada, olhando a rua movimentada onde havia um ponto de táxi e muitos estabelecimentos comerciais.

O antigo repórter policial que só andava de paletó apareceu de camisa polo ensacada por dentro da calça com o cós alto, cabelos desgrenhados, meio “avoado”. Pediu desculpas porque tinha se atrasado um pouco e, quando soube que a API estava fechada, ficou olhando para o horizonte pensando onde a gente podia sentar por aquela região para conversar. Falei que o local público mais próximo seria o Shopping Centro Terceirão, na Avenida Duque de Caxias, justamente uma rua por trás de onde estávamos. “É mesmo, lá tem umas mesas, dá certo”, disse ele, enquanto atravessávamos a rua a passos rápidos e já nos encaminhávamos, em meio aos pedestres e camelôs que lotam aquelas calçadas, em direção à parte superior do Viaduto Dorgival Terceiro Neto (daí vem o nome “Terceirão” dado ao centro comercial popular mais conhecido de João Pessoa).

Fomos para o meio onde há uma pequena praça de alimentação, bem perto da abertura onde é possível ver ônibus e carros passando na parte inferior do viaduto. Um homem foi se aproximando e eu já me assustei, traumatizada com o assalto recente, mas Humberto fez um gesto negativo com a mão e o afastou, comentando comigo em seguida: “Se ele soubesse como eu gosto de bêbado pedindo dinheiro...”.

Sentamo-nos nas cadeiras de plástico branco em uma mesinha quadrada coberta com uma toalha de lona cor de laranja, pegajosa quando apoiei os cotovelos, provavelmente porque alguém derrubou um pouco de suco amarelo viscoso, cujos vestígios também atraíam moscas para o local.

Eu já tinha começado a gravação da conversa com o meu mp4 velhinho, aquele que Tião Lucena notou na primeira entrevista sobre Hilton Gouvêa. Depois do assalto, acabou sendo o único gravador portátil de áudio que me restou. De repente, um pipoco me fez arregalar os olhos. Barulho de tiro, pensei. Humberto percebeu imediatamente meu sobressalto e me acalmou: “É não, é carro passando ali embaixo”.

Depois dessa segunda intervenção dele, tentei relaxar e parar de olhar para os lados achando que alguém podia chegar atirando ou metendo a mão para levar a minha bolsa (que, àquela altura, não tinha quase nada dentro mesmo). Fui aos poucos entrando no ritmo da entrevista. Até então, Humberto era, de longe, a fonte que melhor conseguia precisar as informações. Sabia detalhes de tudo o que eu perguntava.

Quando a gravação marcava dez minutos e trinta segundos, o ex-repórter policial enveredou por uma história que me pareceu familiar. Literalmente familiar.

Humberto Lira estava falando sobre coberturas jornalísticas que ele fez de roubos de carros e outros crimes praticados por um

grupo que atuava no estado por volta dos anos 1990. Quando citou os primeiros nomes envolvidos, imediatamente eu o interrompi:

“Meu avô foi morto porque descobriu essa história!”

“E quem era teu avô?”

Respondi achando que ele jamais se lembraria.

“Eu sei! Eu sei! Eu fiz a matéria!”

Incrédula e sem saber se ele conhecia a segunda parte da história, comecei a explicar que meu pai também tinha sido assassinado alguns anos depois.

“Porque descobriu os autores”, Humberto completou. “Eu conheci demais o seu pai. Olhe aqui, tô me arrepiando todo. Veja que coincidência! Essas matérias quem fez fui eu”.

Senti o corpo formigando e aquela zonzeira de quem não sabe se está acordado ou se está sonhando. Como é que esse projeto me fez chegar aqui?

Conversamos sobre isso e todo o resto até os comerciantes começarem a recolher os pertences para fecharem as lojas, enquanto o crepúsculo sumia na direção da cidade baixa. Humberto gentilmente me fez companhia na calçada e continuou batendo papo até meu namorado chegar para me buscar, na saída do Terceirão pelo lado da Avenida General Osório.

No caminho de volta para casa, enquanto eu narrava aquela coincidência surpreendente, meu namorado ouviu os detalhes e refletiu: “Tu tem a sensação de que essa história parece uma coisa

fictícia, que não faz parte da nossa vida?”. Era exatamente naquilo que eu estava pensando.

A história de meu pai

*“Fica um pouco de teu queixo
no queixo de tua filha.
[...]
E de tudo fica um pouco.
Oh abre os vidros de loção
e abafa
o insuportável mau cheiro da memória”.*
(Carlos Drummond de Andrade, Resíduo)

Faz quase 26 anos que mataram meu pai. No meio da rua, no dia do seu aniversário de casamento com a minha mãe, enquanto ele ia buscar um presente para ela no centro de Solânea. Eu tinha cinco anos; meus irmãos, três e dois.

Dizem que herdamos dele a testa grande e o queixo fino, o que dá aos nossos rostos um formato de balão. De minha mãe, eu fui a única que puxei os grandes olhos verdes. Dizem também que herdamos dele a inteligência, ponto do qual eu discordo: para mim, o incentivo e o acompanhamento incansável de minha mãe,

após a morte do meu pai, pesaram bem mais na capacidade cognitiva do que simplesmente uma predisposição genética. Mas reconheço que as histórias que sempre nos contaram a respeito dele, além de sua vasta biblioteca de Direito e Literatura, ajudaram a constituí-lo como um exemplo para que também gostássemos de estudar.

Meu pai nasceu em Areia, considerada durante muito tempo um berço cultural no estado da Paraíba. Desde muito jovem, ele sempre gostou de ler e escrever poemas. Devido ao trabalho de meu avô, que era policial militar, a infância e a adolescência de seus filhos se dividiram em cidades próximas, como Cacimba de Dentro, Araruna, Belém e Solânea, onde se fixaram definitivamente nos anos 1970, para meu pai estudar. Moravam em uma casinha conjugada, em frente à rodoviária, na mesma rua principal onde, anos depois, meus pais comprariam outra casa que me abrigou até os vinte anos de idade.

Desde pequeno, o filho do meio, entre duas mulheres, era incisivo: “Vou ser advogado”. Nem se importava com a história familiar de pobreza e analfabetismo dos pais. Minha avó, que foi proibida de estudar pelo meu bisavô, para não aprender a escrever cartas quando viesse a ter namorados, nunca chegou a acertar nem a pronúncia da profissão do filho, a quem se referia orgulhosa como “adevogado”.

Para bancar as mensalidades do curso noturno de Direito na Universidade Regional do Nordeste (URNe), hoje Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande, ele trabalhava como secretário em um hospital de Bananeiras, a mesma unidade de saúde onde eu nasci, anos depois. Era uma peregrinação diária com viagens de ônibus entre Solânea, Bananeiras e Campina Grande, mas, às vezes, nem o trabalho extenuante garantia o pagamento das contas, e ele tinha que pedir socorro à noiva para conseguir se manter na faculdade. Minha mãe, também vinda de uma família pobre, de agricultores, tinha sido aprovada em uma seleção e trabalhava como bancária em Cacimba de Dentro, sua cidade natal.

O smoking preto que meu pai usou como traje de gala em sua formatura foi comprado por minha mãe, que já era sua esposa, e veio com um bilhetinho como sendo um presente meu, com direito a impressão digital servindo de assinatura e tudo. Era o segundo semestre de 1986, e eu tinha sete meses de vida.

No antepenúltimo dia daquele mesmo ano, duas semanas antes do meu primeiro aniversário, meu avô paterno foi assassinado. Ele também fazia “bicos” como taxista e foi chamado em casa, no fim da tarde de uma segunda-feira, por dois colegas de farda para uma corrida até Borborema. Na estrada para o município, no seu Opala caramelado (o mesmo carro que ele tinha usado para conduzir minha mãe vestida de noiva até a igreja, em

outubro de 1984), um dos homens disparou uma arma de fogo. A bala atingiu sua mão esquerda, e ele, canhoto, perdeu o controle do carro, mas ainda conseguiu descer e sair correndo. Só que uma emboscada tinha sido montada justamente naquele ponto. Outros homens executaram-no com vários tiros e facadas.

Quem narrou a cena para meu pai tempos depois, na cozinha de nossa casa em Solânea, foi uma mulher que trabalhava em uma plantação de capim-elefante, às margens da estrada, e lá permaneceu à espreita. Ela não teve coragem de depor à Justiça porque os homens faziam parte de um famoso grupo de extermínio que atuava no brejo paraibano.

Pelo que contam, meu avô havia descoberto que policiais conhecidos estavam participando de roubos e desmanches de carros na região e foi denunciar o caso ao seu superior, sem saber que o homem era o chefe do esquema.

Minha mãe também se lembra que meu pai assumiu o caso do assassinato e, alguns anos depois, através de um cliente preso na Penitenciária do Róger, aqui em João Pessoa, teria descoberto conexões de outras pessoas com o crime do meu avô e passou a ser ameaçado. Em pouco tempo, um pistoleiro contratado passou a persegui-lo.

Na manhã de domingo de 6 de outubro de 1991, meu pai foi à feira livre de Solânea acompanhado apenas do meu irmão mais novo, que na ocasião tinha dois anos de idade. Ele dirigia um Gol

bege, recém-comprado, e estava arrumado, de camisa e calça social, tanto porque gostava de andar assim quanto porque aguardava uns amigos para o almoço de comemoração dos sete anos de casamento com minha mãe, completados exatamente naquele dia.

O pistoleiro os acompanhou durante todo o trajeto, mas não achou a oportunidade. Talvez tenha se compadecido da criança de colo. Ao chegar em casa, meu pai se lembrou que não tinha ido a uma loja de discos no começo da cidade, para buscar uma fita cassete que mandara gravar para presentear a esposa. Deixou o filho pequeno em casa e saiu novamente. O relógio ainda não tinha marcado 11h.

A cena seguinte eu tenho guardada até hoje na memória, não foi ninguém que me contou. Vizinhos chegaram assustados avisando que ele tinha sido baleado na frente da loja de discos. Mainha caiu no sofá da sala que estava impecavelmente arrumada, chorando em desespero. Ela tinha 31 anos, exatamente a idade que tenho hoje.

Hesitação e recaídas

*“Não quero ser triste
como o poeta que envelhece
lendo Maiakóvski
na loja de conveniência
[...]*

*Nem quero ser estanque
como quem constrói estradas
e não anda”.*
(Zeca Baleiro, Minha Casa)

Eu não sabia de todos os pormenores dessa história, dada a minha idade quando aconteceu aquele turbilhão todo. Só tenho fragmentos na memória: do momento em que chegaram lá em casa avisando da morte e mainha desabou no sofá; de alguém me levantando no braço para ver o corpo no caixão; de minhas tias tomado conta de nós três; de pessoas confidenciando informações sobre o crime; de uma gaveta cheia de documentos no antigo escritório advocatício; de minha mãe depressiva e, ao mesmo tempo, ferina em busca de provas.

O que eu sempre soube é que ela fez um trabalho hercúleo e conseguiu que os principais suspeitos de encomendarem a morte do meu pai fossem levados duas vezes ao banco dos réus. Lembro-me do fórum da cidade lotado e de minha mãe se

levantando resignada depois de ouvir do juiz a segunda sentença de absolvição. Ela nos puxou pelo braço e eu fiquei sem entender o que aquele homem tinha dito que a fizera sair do lugar antes de todo mundo. Hoje eu sei: perdemos.

A única alternativa que restou à minha mãe foi retomar sua vida, na medida do possível, e cuidar de três crianças pequenas. Ela sempre incutiu nas nossas cabeças que fez tudo o que pôde por vias legais, mas que a Justiça também falha e de nada adiantaria tentar se vingar.

Quando cheguei da entrevista com Humberto Lira, fui direto ao seu quarto e comecei a contar o que o jornalista tinha me relatado. Ela sabia de tudo e um pouco mais. Só havia nos protegido daquele enorme vespeiro que, por uma ironia do destino, acabou ricocheteando e caindo nas minhas mãos.

Aproveitei o fim de semana para fuçar álbuns de família, procurar notícias publicadas na época, fotos e outros materiais sobre o caso. Atendendo aos meus pedidos, minha mãe, que demonstrou ser a minha melhor fonte, remexeu caixas empoeiradas e voltou com alguns recortes de jornais e uma cópia de seu primeiro depoimento, que ela só teve condição de prestar nove dias após o crime.

Nos papéis, todos os detalhes dados por testemunhas sobre a chegada do suspeito, os três tiros à queima-roupa pelas costas, a morte imediata, a fuga a pé até uma mata perto do campo de

aviação de Solânea. As notícias eram ilustradas com fotos de minha mãe abatida e de meu pai ainda vivo, no último aniversário infantil que ele participou, do meu irmão caçula.

Vez ou outra, minha mãe passava pela mesinha onde eu trabalhava e, ao me flagrar chorando, tentava me proteger: “Minha filha, não vou lhe contar mais nada. Isso está lhe fazendo mal”.

E estava mesmo. Na segunda-feira seguinte, chorei na sala do terapeuta como não fazia há bastante tempo. Ele me aconselhou a me afastar um pouco da história nos dias seguintes, tirar o dedo de dentro da ferida e depois pensar com mais calma no que ia fazer com aquilo tudo.

Hesitei muito entre contar ou não contar essa história. Principalmente porque se trata de um assunto semelhante à história do atentado sofrido por Hilton Gouvêa, em que não houve condenações das pessoas envolvidas. Eu tinha medo de que minha atitude soasse como uma tentativa de trazer o caso de novo à tona e que alguém viesse tomar satisfações.

Pensei em simplesmente abstrair, fingir que aquela conversa com Humberto Lira nunca aconteceu. Mas eu não estaria sendo honesta se expusesse os dramas da vida de Hilton e editasse os meus próprios, especialmente em um diário, especialmente aquele pequeno grande detalhe que era a origem de boa parte dos problemas psicológicos que enfrento ainda hoje.

Tentando andar sem a muleta dos remédios, a ansiedade já começava a migrar novamente para pequenas crises de pânico. A solução que encontrei foi não citar nomes nem pormenores que identificassem os envolvidos em nenhum dos dois casos. Eu só queria me livrar daquele mal-estar, devolvê-lo ao passado.

Insistência

*“Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo”.*
(Legião Urbana, Tempo Perdido)

“Tudo está perdido, mas existem possibilidades”.
(Legião Urbana, Sereníssima)

Além de tudo isso, ainda tinha a entrevista com Hilton que não acontecia. Liguei mais uma vez para a redação de *A União*, na primeira semana de junho, quando ele voltaria das férias, e me informaram que o repórter estava afastado para tratar de uns problemas de saúde.

“Ah, foi a cirurgia dos olhos que ele foi fazer?”

“Não, foi um problema no ombro que ele teve semana passada. Mas segunda-feira ele tá de volta. Pode ligar de novo”.

Sem esperanças, retornei no dia indicado.

“A *União*, boa tarde”.

“Oi, eu queria falar com Hilton Gouvêa”.

“Quem é?”

Reconheci a voz dele.

“É Bruna...”

“Ah! Oi, Bruna! Parece que o azar está nos perseguindo, viu? Naquele dia que marcamos na livraria, eu fui deixar um negócio para o meu irmão mais cedo... acabei torcendo o braço e indo parar no Trauma, tirei uma semana de licença do trabalho. Me livrei da tipoia hoje, mas ainda estou com o braço roxo”.

“Nossa, Hilton! Que situação! Imobilizou mesmo, foi?”

“Pois é... Olhe, podemos combinar lá no mesmo lugar, só que hoje não dá pra mim. Pode ser amanhã.”

“Ótimo, Hilton! Eu também tenho terapia hoje à tarde, mas amanhã, depois do expediente, apareço por lá”.

“Terapia? Mas assim, tão nova?”

“Eu tenho uns problemas de ansiedade há bastante tempo”.

“E você já é casada?”.

“Não, mas serei em breve”.

“Ah, então quando casar, passa. Dizem que o psicológico estabiliza”.

Bastou essa simples conversa para minha mente relaxar e outro dos meus pensamentos catastróficos cair por terra. Hilton não estava me evitando. Ao contrário, o modo gentil e descontraído com que me tratou me fez ir mais confiante para as duas entrevistas naquela semana e perceber como era bom conversar com ele. Eu, que já não aguentava mais ouvir falar de mestrado, comecei a lamentar que, após a conclusão da pesquisa, aquelas tardes tão agradáveis com Hilton nas mesas da Livraria do Luiz também acabariam.

Aquele senhor beirando os 70 anos, que chegou com toda simplicidade a um dos nossos encontros, usando sua boina cinza e segurando um monte de sacolas de compras molhadas pela chuva, era, essencialmente, um contador de histórias, ou um verdadeiro narrador, aquela figura que o teórico frankfurtiano Walter Benjamin coloca como quase extinta em nossa sociedade.

Sem que ele soubesse, da mesma forma como aconteceu ao seu ex-colega Jorge Rezende, no alto da minha inexperiência, comecei a me inspirar na postura de Hilton como repórter. Diante dos dilemas finais da reportagem, eu me pegava frequentemente pensando no que ele faria se estivesse no meu lugar.

Faltando duas semanas para acabar o prazo já adiado e máximo para entrega do trabalho à coordenação do PPJ, algo ainda me faltava. Não que uns arranjos não fizessem aquilo passar despercebido, mas a ausência de um detalhe específico no

trabalho me atormentava (“Existe sempre alguma coisa ausente que me atormenta”¹⁰): eu não tinha conseguido a data da agressão ao repórter na frente do *Correio da Paraíba*.

Comecei a colocar na balança minha postura procrastinadora. Se eu tivesse começado a vasculhar os jornais antes, talvez tivesse dado conta também do ano de 1995 e quem sabe até de 1996, 1993, 1992. Agora, eu não tinha mais nem tempo nem cara de pau de ir ao jornal e continuar todo aquele processo de incomodar as pessoas do arquivo com o transporte urgente dos encadernados da casinha anexa até a redação.

Comecei a pensar no ímpeto desbravador de Hilton Gouvêa, que, apesar da idade, sequer cogita se aposentar das redações. Não era somente o diploma que me fazia repórter, era aquela sede de ir atrás dos dados, como ele fez quando ouviu dizer que havia navios históricos afundados na costa paraibana. O jornalista investigou tanto que chegou a entrar em águas profundas com um mergulhador e por pouco não foi preso pela Marinha do Brasil, sob acusação de pirataria.

Eu já me via morrendo na praia. Mas ia morrer tentando nadar. Lembrei que alguém tinha mencionado uma instituição que estava de posse dos arquivos do extinto jornal *O Norte*, peguei umas anotações mais antigas e encontrei o nome do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Liguei para lá a fim de saber se eles também tinham exemplares de outros jornais e como

se fazia para ter acesso. Uma senhora de voz rouca me informou que faltavam alguns meses e anos nas coleções, mas havia sim um bom acervo de todos os jornais paraibanos lá. Bastava levar uma máscara e luvas de proteção, ou comprar diretamente lá, e eu mesma poderia transitar entre as estantes e fuçar tudo o que eu quisesse, das 8 às 12h, de segunda a sexta-feira.

Estava de férias do trabalho, mas acordei bem cedo, agoniada, pensando no trabalho de Sísifo que seria aquilo e nos dias que eu iria perder, quando já deveria estar finalizando o texto para não ser engolida pelo *deadline*. O padrão dos pensamentos negativos e das catástrofes mentais. Fui de Uber ao IHGP, com medo de levar o novo celular com câmera e de ser assaltada novamente no caminho.

Assinei uma lista de presença lá no instituto, que fica em uma esquina da Travessa Frutuoso Barbosa, mais conhecida como a “rua dos sapateiros”, no centro de João Pessoa, no mesmo quarteirão da API. Guardei minha bolsa e uma garrafa d’água dentro do armário vertical de ferro, logo depois da entrada, e ouvi as orientações da administradora sobre o cuidado necessário no manuseio do material. “Você não sabe quanta gente sem noção aparece aqui, minha filha, que chega a escrever em cima dos jornais”, reclamou ela, que também revelou que a entidade estava passando por dificuldades financeiras e ameaçada de fechar,

devido ao descaso governamental com aquele e outros instrumentos de preservação da memória local.

Aproveitei inicialmente para confirmar nos jornais algumas informações, como no caso da tragédia que aconteceu ali pertinho, na Lagoa do Parque Solon de Lucena, em 1975. Depois, saltei 20 anos e recomecei a saga dos arquivos do *Correio da Paraíba*.

1º de janeiro de 1995, edição de domingo. Depois, 3 de janeiro, já que os jornais daqui não circulam às segundas-feiras; 4, 5, 6, 7, 8 de janeiro, outro domingo. Agora é a vez da terça de nov... peraí... não acredito!

Na parte superior da capa da edição de 10 de janeiro de 1995, a imagem registrada no dia anterior, de um homem de bigode, já meio calvo mas ainda com os cabelos pretos. Ele estava sentado em uma maca de hospital, sem camisa, com as mãos nos quadris e segurando um pano branco ensanguentado, que, pelo visto, estava sendo usado para estancar o ferimento acima de sua sobrancelha esquerda. O líquido vermelho já tinha escorrido pelo seu pescoço até chegar à barriga.

Apesar da cena tão chocante, aquela sensação de alívio: cheguei ao fim dessa jornada. Sobrevivi, sobrevivemos todos. Lembrei de meu pai e corrigi mentalmente: quase todos.

Voltei para casa e fiz o que, no fundo, eu sabia que tinha capacidade para fazer. Em meio a todo o sangue, suor e lágrimas

contidos nestas páginas, eu me sentei em uma cadeira e terminei de escrever.

¹ Referência à canção “Ouro de tolo”, de Raul Seixas.

² Referência à canção “À primeira vista”, de Chico César.

³ Referência ao poema “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade, especificamente o verso “Quarenta anos e nenhum problema resolvido, sequer colocado”.

⁴ Referência ao filme “Corra, Lola, corra” (1998), dirigido por Tom Tykwer.

⁵ Referência à canção “Alucinação”, de Belchior, especificamente o trecho “A minha alucinação é suportar o dia a dia / E meu delírio é a experiência com coisas reais”.

⁶ Referência ao poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade.

⁷ Citação direta da crônica “Pequenas Epifanias”, de Caio Fernando Abreu.

⁸ Referência à canção “Pequeno Mapa do Tempo”, de Belchior.

⁹ Referência ao livro “O Hobbit”, de J. R. R. Tolkien.

¹⁰ Citação direta da crônica “Existe sempre alguma coisa ausente”, de Caio Fernando Abreu.